



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS SEDE CAMPINA GRANDE
CEDUC – CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

BRUNO GONÇALVES DA SILVA

**A DITADURA ENTRE AS 4 LINHAS: AS REPRESENTAÇÕES DA COPA DO
MUNDO (1970) NA REVISTA MANCHETE**

**CAMPINA GRANDE
2024**

BRUNO GONÇALVES DA SILVA

A DITADURA ENTRE AS 4 LINHAS: AS REPRESENTAÇÕES DA COPA DO MUNDO (1970) NA REVISTA MANCHETE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: Relações de Poder, Subjetividade e Cultura Política

Orientadora: Prof. ^a. Dra. Noemia Dayana de Oliveira

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Bruno Goncalves da.
A Ditadura entre as quatro linhas [manuscrito] : as representações da Copa do Mundo(1970) na revista Manchete / Bruno Goncalves da Silva. - 2024.
66 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Prof. Dra. Noemia Dayana de Oliveira, Departamento de História - CEDUC".

1. Ditadura no Brasil. 2. Revista Manchete. 3. Futebol e ditadura. I. Título

21. ed. CDD 320.985

BRUNO GONÇALVES DA SILVA

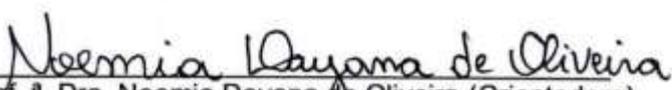
**A DITADURA ENTRE AS 4 LINHAS: UMA ANÁLISE DA REVISTA MANCHETE E
SUA RELAÇÃO A COPA DO MUNDO DE 1970**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de História
da Universidade Estadual da Paraíba
(UEPB), como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em História.

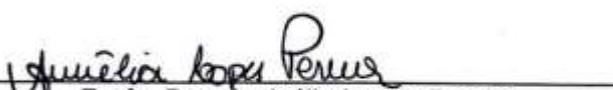
Área de concentração: Relações de
Poder, Subjetividade e Cultura Política

Aprovada em: 26/06/2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª. Dra. Noemia Dayana de Oliveira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe que sempre me apoiou apesar de tudo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão pode ter sua origem em diversas situações e ocorrências, mas, o maior obstáculo que enfrentamos todo dia sem dúvidas é o peso e desafios de nossas rotinas diárias, e somente pela graça dele a força maior apesar de todas as dificuldades enfrentadas que pude me manter firme, agradeço a Deus por nunca esquecer de seu filho.

A pessoa que muitas vezes se questiona se falta algo, se já tomou café, que me criou e me formou da melhor maneira que pôde à minha mãe agradeço por todo suporte e preocupação durante todo esse processo de graduação que nesse momento vai se encerrando.

Agradeço à minha orientadora Dra. Noemia Dayana de Oliveira, que ao longo da construção deste trabalho sempre que pude sanou muitas dúvidas que foram surgindo, além de sempre me mostrar o melhor caminho dentro de meu próprio ideal e pensamento ao escrever as linhas decorrentes deste texto, e pela sua paciência e compreensão.

Aos meus companheiros que conheci ao longo desses anos durante o curso, os quais tive o imenso prazer de partilhar além de conhecimentos, também aprendizados que foram sendo formados juntamente das conversas providas muitas vezes dos diversos temas e assuntos, que na grande maioria das vezes resultam em boas discussões e claro também risadas, tornando o processo mais leve e proveitoso.

“O único ditador que eu aceito é a voz silenciosa da minha consciência”
(Mahatma Gandhi).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar os usos propagandísticos da seleção brasileira em meio às páginas da revista *Manchete*, mais especificamente relativos à relação da revista com o regime militar brasileiro dentro do contexto da Copa do Mundo de 1970, através de uma pesquisa bibliográfica e documental, tendo em vista compreender como o futebol se tornou além de um esporte uma ferramenta utilizada pela ditadura, assim como sua principal figura o “mito” Pelé mostrou e usou sua influência. Para tanto, foram usados pesquisas, teses e artigos de autores como Gilberto Agostino (2002), Livia Gonçalves Magalhães (2014), Bruno Otávio de Lacerda Abrahão e Antônio Jorge Soares (2009), autores que tratam sobre o futebol como um espaço de denúncias, de críticas políticas por meio de protestos dentro de campo e fora dele, assim como um lugar de união e desenvolvimento de ideias que unem pessoas em meios as associações que se denominam como clubes. O propósito do trabalho, portanto, é analisar como foram usados tantos os jogadores assim como a seleção de maneira coletiva em meio a um meio de comunicação popular no ano analisado, o periódico da revista *Manchete*, além de trazer à tona o debate ainda tímido sobre as relações históricas que envolvem o futebol, que tornaram por diversas vezes seus próprios atletas escravos do esporte transformando-os em mercadoria comercializável dentro da vitrine (os estádios de futebol) além de usufruir da influência dos mais populares como maneira de efetivar alguma ideologia ou discurso, que são usados pela Imprensa. Por conseguinte, a pesquisa é favorável em concordar que, por meio do conhecimento das diversas facetas que circundam o futebol que ainda se mantêm apagadas, depois de todo esse processo que passou o esporte, ele pode finalmente se tornar menos político e mais esportivo de fato.

Palavras-Chave: ditadura; manchete; futebol; representação.

ABSTRACT

This work aims to analyze the propagandistic uses of the Brazilian team in the pages of *Manchete* magazine, more specifically relating to the magazine's relationship with the Brazilian military regime within the context of the 1970 World Cup, through bibliographic and documentary research. In order to understand how football became, in addition to a sport, a tool used by the dictatorship, just like its main figure, the "myth", Pelé showed and used his influence. To this end, research, theses and articles by authors such as Gilberto Agostino (2002), Livia Gonçalves Magalhães (2014), Bruno Otávio de Lacerda Abrahão and Antônio Jorge Soares (2009) were used, authors who deal with football as a space for complaints, of political criticism through protests on the field and off it, as well as a place for union and development of ideas that unite people in associations that call themselves clubs. The purpose of the work, therefore, is to analyze how so many players and the selection were used collectively in a popular means of communication in the year analyzed, the magazine *Manchete*, in addition to bringing to light the still timid debate about the historical relationships involving football, which have made their own athletes slaves of the sport on several occasions, transforming them into commercial merchandise within the showcase (football stadiums) in addition to taking advantage of the influence of the most popular ones as a way of implementing some ideology or discourse, which are used by the Press. Therefore, the research is favorable in agreeing that, through knowledge of the various facets that surround football that remain obscure, after all this process that the sport has gone through, it can finally become less political and more sporting in fact.

Keywords: dictatorship; manchete; football; representation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Manchete edição 23	28
Figura 2	Manchete edição 924	40
Figura 3	Manchete edição 927	42
Figura 4	Manchete edição 927	42
Figura 5	Manchete edição 927	43
Figura 6	Manchete edição 928	43
Figura 7	Manchete edição 928	44
Figura 8	Manchete edição 929	45
Figura 9	Manchete edição 929	46
Figura 10	Manchete edição 944	47
Figura 11	Manchete edição 946	49
Figura 12	Manchete edição 947	49
Figura 13	Manchete edição 948	51
Figura 14	Manchete edição 948	53
Figura 15	Manchete edição 949	54
Figura 16	Manchete edição 950	55
Figura 17	Manchete edição 950	56
Figura 18	Manchete edição 950	57
Figura 19	Manchete edição 924	61

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	A política inicia o jogo	10
1.2	Os jogadores em meio ao jogo político.....	15
2.	A DITADURA ENTRA EM CAMPO NA ACADEMIA	17
2.1	Ditadura um debate amplo.....	18
2.2	Discussões decorrentes sobre a ditadura	20
2.3	O primeiro tempo inicia dentro da academia.....	25
3.	A IMPRENSA UMA ARMA POLÍTICA?.....	28
3.1	Origem.....	29
3.2	Imprensa e política.....	32
3.3	Manchete.....	35
4	O DÉCIMO SEGUNDO JOGADOR, A MANCHETE ENTRA EM CAMPO	38
4.1	Antes da conquista, os preparativos para a copa.....	39
4.2	A amarelinha entra em campo nas páginas da manchete.....	47
4.3	A taça jules rimet chega à manchete	51
5	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Confesso que o futebol me aturde, porque não sei chegar até o seu mistério... Sua magia opera com igual eficiência sobre eruditos e simples, unifica e separa como as grandes paixões coletivas. (Andrade, 2002, p.28)

Este trabalho tem por objetivo geral analisar os pormenores que fazem parte do universo futebolístico dentro das páginas publicadas pela revista *Manchete*, os quais compõem o lado “desconhecido” do esporte. Tendo como objetivos específicos: Trazer à tona o debate sobre as relações políticas com o futebol em meio a história, entender os frequentes usos das imagens dos jogadores muitas vezes relacionadas ou acionadas ao regime, entender para além do individualismo o coletivo do grupo que compôs a seleção brasileira de futebol durante a Copa do Mundo de 1970 e suas influências dentro da revista, analisar a maneira que se deu o discurso usado nas publicações da revista referentes ao regime associadas de maneira indireta (e também direta) a seleção brasileira.

Este trabalho se justifica devido à escassez de conteúdo sobre o futebol e política dentro do campo científico da História, e a total inexistência de trabalhos que abordam a revista *Manchete* tendo como foco a seleção dentro da revista no ano de 1970. Além disso, a discussão sobre esse tema é importante devido à grande influência que o futebol tem no Brasil assim como no Mundo atualmente, e denunciar e mostrar esse outro lado do esporte traz uma maior percepção desse esporte amado por tantos.

A partir da hemeroteca assim como da biblioteca nacional digital, onde estão disponíveis de maneira gratuita todas as edições da revista, foi feito o apanhamento das fontes que estão sendo debatidas neste trabalho.

1.1 A política inicia o jogo

As nações que se formaram ao longo dos séculos XVIII e XX, tanto o esporte quanto a política sempre *jogaram juntos* (Magalhães, 2014). As diversas disputas entre as nações, em várias categorias e em grandes eventos como as Olimpíadas e as Copas do Mundo, surgem dentro do contexto de propagar e estimular relações

pacíficas entre os países (Vasconcellos, 2011). Com o aumento e maior popularização de alguns esportes, como o futebol, os encontros entre os países começam a ter novos significados e algumas rivalidades antigas começam a ser refletidas dentro do campo de jogo:

As razões que fizeram do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas teriam sido a facilidade e a facilidade de provocar, mesmo nos menores atores políticos individuais ou públicos, a identificação com a nação. A imaginária comunidade de milhões de concidadãos parece mais real, mais protagonista, na forma de um time de jogadores nomeados. O indivíduo, mesmo o simples torcedor, torna-se o próprio símbolo de sua nação. (Vasconcellos, 2011, p.11)

Em alguns países, como o Brasil e seu maior rival a Argentina, o futebol juntamente de seu maior evento a Copa do Mundo é uma das maiores expressões do nacionalismo através desse esporte, visto que é o momento em que as nações são representadas em cada seleção (Gastaldo & Guedes, 2006). A Copa do Mundo de Futebol organizada pela Fédération Internationale de Football Association (FIFA) ao longo do século XX tornou-se atualmente um dos maiores se não o maior evento esportivo em âmbito mundial, segundo Magalhães (2014) com o passar do tempo e a consolidação da competição, essa se tornou um importante marco na história dos séculos XX e XXI.

A própria maneira em que se dá o futebol é muito cativante, pode-se perceber massas de pessoas que assumem uma identidade relacionada a um escudo e se identificam com ele, o acompanhando a todo lugar possível apenas para ter o prazer de ver seu time que representa toda essa sua paixão jogar, o mesmo fenômeno ocorre com as seleções, porém, de maneira mais intensa dado todo o discurso e propaganda investidos na imagem das seleções não apenas no Brasil, mas em diversos países.

A Copa do Mundo de 1934, na Itália, nesse período sendo governada por Benito Mussolini. Tendo iniciado em 1930, no Uruguai, a Itália seria a anfitriã da segunda edição do que viria a ser um dos maiores eventos esportivos do Mundo, considerando todo o seu cativante potencial, Mussolini fez uso desse grande evento para melhorar a imagem do regime fascista, como ferramenta de propaganda, essa edição terminou com o país sede sendo campeão, sendo a conquista relacionada de

forma sinônima ao governo, como se a vitória tivesse sido uma das “boas” consequências referentes ao modelo italiano de regime, segundo Agostino (2002) : “Para o regime, o êxito esportivo e sua potencialidade propagandística criavam mais uma vez uma ocasião monumental, capaz de ritualizar a fidelidade nacional e exaltar valores do regime.” Dois anos após a Copa de 1934, aconteceram as olimpíadas de Berlim no ano de 1936 Agostino nos diz que de modo parecido as boas atuações dos atletas alemães serviram de correlação e de uso propagandístico do regime e de seus ideais.

Voltando para mais próximos de nós, na América Latina existem diversos usos políticos do futebol em meio aos regimes ditatoriais durante principalmente as décadas de 1960-1980, indo muito além de meras rivalidades entre clubes e seleções dentro de campo. O futebol traz essa característica extracampo muito latente, são relações interpessoais e políticas que dificilmente consegue se perceber comportamentos parecidos em outros esportes. No Chile, o regime de Augusto Pinochet não pôde capitalizar uma conquista mundial, assim como o fez alguns países latino-americanos como o Uruguai em 1930 e 1950; Brasil em 1958, 1962, 1970, 1994, 2002; Argentina em 1978, 1986, 2022; apesar de não ter conseguido o título tão desejado, aproveitou a oportunidade durante a Copa da Alemanha Ocidental em 1974 durante o desfile de delegações para difundir sua visão política da cultura nacional (Lucas & Jara, 2010). A apresentação do grupo tradicional de folclore Huasos Quincheros foi organizada por Germán Becker Ureta, que além deste evento foi responsável por outros atos públicos durante o regime de Augusto Pinochet Ugarte. Em meio as suas memórias, Becker Ureta do enfoque ao impacto resultante da apresentação, que por meio da televisão mundial, foi vista e ouvida por cerca de mais de um milhão de pessoas (Ureta, 2003).

A questão do uso do futebol como uma ferramenta a favor de ditaduras, Magalhães (2014) cita o caso do Uruguai como “emblemático”:

Entre 1980 e 1981, o país organizou a Copa de Ouro dos Campeões Mundiais, conhecida como Mundialito, apenas dois anos após a organização da Copa de Futebol da FIFA em 1978 na Argentina. Organizado oficialmente pela FIFA como comemoração dos 50 anos da primeira Copa do Mundo, que teve lugar no próprio país, o evento reuniu os principais campeões mundiais até então (com exceção da Inglaterra, que foi substituída pela Holanda) e teve uma importante repercussão internacional.

Para o governo civil-militar uruguaio, foi uma oportunidade de utilizar um evento popular como canal de diálogo e propaganda oficial. Assim como nos casos do Brasil e da Argentina nas Copas de 1970 e 1978, respectivamente, O Mundialito representou para o Uruguai o momento da chegada da televisão em cores, o que teve grande peso no discurso oficial (...) a seleção anfitriã conquistou a competição, vencendo na final os representantes brasileiros, e pareceria que a ditadura uruguaia também celebraria seu triunfo esportivo. (Magalhães, 2014, p.13)

Os esforços do regime surtiram o efeito contrário, surgindo durante o Mundialito diversas manifestações opostas ao regime. Um dos fatores que ocasionou tamanha oposição foi um plebiscito convocado pelo próprio regime, onde a ditadura foi derrotada, ocorrendo no dia 30 de novembro de 1980, em um curto período de 2 meses antes do início do torneio. A votação teria como objetivo a legitimação constitucional do regime civil-militar uruguaio. O que de fato se tornou mais marcante nesse evento, foi a grande euforia popular com a vitória nas urnas, além disso os gritos em meio às arquibancadas durante os jogos que soavam: “Vai acabar, vai acabar, a ditadura militar”. A vergonha foi tamanha para o regime que o apagaram da história, mesmo com o Uruguai vencendo o evento a Associação uruguaia de Futebol (AUF) não guarda o troféu vencido neste dia, nem mesmo contabiliza entre os títulos conquistados pela seleção, desse modo, tornando-se uma “memória seletiva” (Magalhães, 2014).

Fico (1997) e Cordeiro (2009), nos dizem que durante o ano de 1970 no Brasil, era presenciado o período no qual o regime se tornou mais popular, durante a presidência de Emílio Garrastazu Médici, onde se viveu o *milagre econômico*, juntamente a esse contexto a vitória da seleção conquistando seu terceiro título e a taça Jules Rimet, assim como nos outros casos no Brasil também foram associados o bom momento e as conquistas ao regime militar. Apesar do bom momento, esse ano também foi o auge da violência política no país, com muitos presos políticos, a tortura graças ao Ato Institucional 5 (AI-5), durante o governo Médici, englobam as maiores partes dos desaparecidos e mortos durante a ditadura, segundo o *Direito a verdade e à memória: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*, publicado pela Secretaria Especial dos Direitos Humanos no ano de 2007.

Junto com todo o contexto do momento, o processo de exílio que começou em 1964, se intensifica em 1968-1969, ou seja, a oposição ainda está se

organizando fato esse que só vai começar a mudar em 1973 com o golpe de Estado no Chile, onde a maior parte dos exilados estava se direcionando (Rollemberg, 1999). Com isso o regime, em vez de realizar atos como um desfile que fez o Chile, procurou desviar os olhares e atenções para outras coisas que não fossem os pormenores do regime, com a Copa do Mundo de 1970 sendo recebida no México, isso se tornou mais fácil como justificativa para não focar tanto em assuntos nacionais.

O regime brasileiro apesar de não ter programado o uso oficial do evento (a copa de 1966, foi um fracasso e o regime praticamente não tomou medidas para a conquista esportiva nessa edição), Marcos Antônio (2016) diz que o governo Médici transformou o futebol em uma de suas principais ferramentas de propaganda. No auge do “milagre econômico”, os setores empresariais se enriqueciam e distribuíam o tesouro público nas mãos dos corruptos militares. (...) “era necessário mostrar que o Brasil caminhava no viés da “ordem e do progresso” em todos os setores, até no futebol, por isso, para os militares era uma questão de honra fazer da seleção tricampeã mundial.”

A comissão técnica foi militarizada: o chefe da delegação era o brigadeiro Jerônimo Bastos, a segurança ficou a cargo do major Roberto Guaranyr, a supervisão com o capitão Cláudio Coutinho, a equipe de preparação física, dirigida por Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira, era composta pelos capitães Kléber Camerino e Benedito José Bonetti, a preparação de goleiros entregue ao sub tenente Raul Carlesso. A preparação física militarizada respondia ao fracasso de 1966, atribuído à má condição atlética dos convocados. O jogador rebelde de talento espontâneo cedia espaço ao atleta-soldado, sujeito a mecanismos disciplinares e repressores, da mesma maneira que o cidadão brasileiro submetido à ditadura. (Franco, 2007. P.142.)

Os esforços do regime aconteceram também durante os jogos, que investiu para que as televisões chegassem à casa dos brasileiros, sendo a primeira copa televisionada no Brasil. Com a conquista do título a euforia nacional foi imensa, o tricampeonato foi fundamental para o uso da imagem da seleção como representação dos avanços nacionais, e mostrar à população que o Brasil estava caminhando na direção certa.

1.2 Os jogadores em meio ao jogo político

Os clubes de futebol como já foram citados, trazem desde sua origem sentimentos muito fortes e intensos que envolvem paixões, muitas vezes esses sentimentos são transpassados pelos jogadores que vestem a camisa, sendo louvados muitas vezes como guerreiros dentro de campo honrando “o manto sagrado”¹ que representa a entidade maior de sua paixão, o clube. Essa relação de amor à camisa ocorre de maneira tão intensa quanto, no que se refere à seleção nacional, a mesma expressão do “manto sagrado” hoje em dia é muitas vezes relacionada à seleção brasileira. Com isso pode-se perceber o grande sentimento de identificação que representam os clubes assim como as seleções nacionais, não sendo algo exclusivo do caso brasileiro.

Os jogadores muitas vezes por realizarem atuações de se chamar muita atenção, como foi o caso do rei do futebol² Edson Arantes do Nascimento o “Pelé” trazem para si próprio a maior parte do peso de representar os onze jogadores dentro do campo, sendo muitas vezes relacionados ao clube que atuaram, até hoje quando comentamos sobre o Santos Futebol Clube é quase inevitável não se recordar que foi nele que Pelé se transformou no maior atleta desse esporte, assim acontece com diversas figuras como também o meio campista e também ponta-esquerda Roberto Rivellino campeão com a seleção brasileira na Copa de 1970, ficou fortemente reconhecido por suas atuações no Sport Clube Corinthians Paulista onde se tornou eterno ídolo do clube.

Poucas são as áreas que se prestam tanto à formação de lendas quanto o futebol. O fanatismo às vezes transbordante, a idolatria irrestrita em relação a alguns jogadores e o sofrimento muitas vezes comovente dos fãs constituem o solo fértil para o surgimento de muitos mitos. (Havemann, 2010, p.245)

¹ As camisas dos clubes são queridas pelos torcedores ao ponto de relacionarem a sentidos de crenças religiosas, como o cristianismo que nesse caso o “manto sagrado” se relaciona ao manto utilizado por Jesus Cristo, no qual, a expressão se popularizou depois do suposto manto utilizado por ele ter sido encontrado, atualmente se encontra na Catedral de Turim sendo popularmente conhecido como sudário sagrado de Turim. Muitas lojas de artigos esportivos, e até mesmo programas televisivos abusam dessa expressão para atrair mais pessoas.

² Apesar das muitas contradições envolvendo Edson Arantes do Nascimento, ele no que diz respeito ao seu perfil como atleta futebolístico foi de fato indiscutível, porém, os antigos que puderam acompanhar a seleção em seus primeiros títulos afirmam que o garoto das pernas tortas conhecido como Mané Garrincha jogou tanto quanto, e muitos o consideram mais merecedor do título que foi dado a Edson.

Os mitos que são criados a partir das partidas de futebol, conseguem ser tão representativos a ponto de incomodar o regime caso tenham opiniões opostas aos ideais militares. Nos anos de 1970 a grande maioria dos jogadores apesar de insatisfeitos com muitas situações, como os arrochos salariais promovidos por Castello Branco que agora passaram a pagar imposto de renda (antes não eram cobrados, até pela falta de reconhecimento profissional da profissão³), mesmo sendo eles os bicampeões mundiais como Garrincha, Zagallo, Nilton Santos, sendo de fato um imposto cobrado para todos. Outro fator que trazia insatisfação por parte dos jogadores era o fato dos passes⁴ tornarem o jogador praticamente um escravo de seu clube, podendo deixar o clube apenas após atingir os 32 anos, ou ter mais de dez anos dentro da equipe (Neto, 2016).

Dentro do contexto ditatorial os mitos surgem como uma luz no fim do túnel, tanto positivamente para o regime como foi o caso de Pelé, quanto negativamente como foi o caso de Afonsinho o primeiro jogador “alforriado” do Brasil.

Afonsinho em meio a pleno regime militar em seu auge conseguiu obter por meio de uma luta jurídica e política a propriedade de seu próprio passe, tendo então a partir desse momento passe livre diferente dos outros jogadores que estavam submetidos a manter-se no clube por longos anos, fato esse que afetou até o rei do futebol que passou praticamente sua carreira toda no Santos Futebol Clube, saindo apenas próximo de aposentar suas chuteiras para o New York Cosmos com objetivo de incentivar a prática futebolística nos Estados Unidos, país onde o baseball, basketball e o conhecido American Football são mais populares que o futebol criado pelos ingleses. Outras figuras muito conhecidas também lutaram pela democracia em meio a ditadura, como o “Doutor Sócrates” que ficou conhecido por atuar no Sport Clube Corinthians Paulista e promover a “democracia corinthiana” onde todos dentro do clube tinham direito de voto decisivos para o clube, desde os diretores até os funcionários da limpeza. Desse modo, percebe-se o quanto o futebol se mostra influente no seu “extracampo”, além do jogo jogado dentro do campo.

³ Atualmente os jogadores de futebol, assim como todos os atletas profissionais, possuem seus contratos com base na Lei Geral do Desporto (Lei 9.615/1998), conhecida popularmente como Lei Pelé. Naquela época eram os vínculos trabalhistas que existiam entre os jogadores e seus respectivos clubes.

2 A DITADURA ENTRA EM CAMPO NA ACADEMIA

A América Latina e o Caribe tiveram em meio a sua história a presença de ditaduras. Durante os anos 1920 e 1930 em países como: Venezuela, Cuba, Nicarágua, República Dominicana, Peru e Haiti, afirma Emir Sader⁵ (Ano não informado no presente artigo). No século XX o modelo de regime ditatorial mais popular principalmente nas últimas décadas do século foi o baseado na doutrina de segurança nacional, que iniciou no Brasil em 1964. As principais características desse tipo de regime são: Militarização do Estado, tendo as Forças Armadas assumindo o papel de dirigentes políticos assim como os agentes de repressão, se mantendo no poder por meio de uma agressiva repressão contra as forças opositoras e as forças populares que se mostravam contra o regime.

O ano de 1964 é marcado por diversas mudanças na história de nosso país, os acontecimentos provenientes dessa data influenciam o Brasil até a contemporaneidade, no dia 01 de abril deste mesmo ano os militares assumem o poder com a derrubada do Governo de João Goulart, popularmente conhecido como “Jango”.

Um período marcado pelos conflitos da Guerra Fria onde predominavam os ideais capitalistas e socialistas de modo conflituoso de fato, quando João Goulart assume o poder após ter seus poderes diminuídos pelo parlamentarismo implementado pelos militares que temiam que com o novo presidente o país entrasse de vez na contramão de seus ideais, que era o comunismo, o receio da classe média com Jango acaba gerando instabilidade e após diversos acontecimentos como a Marcha da Família com Deus pela Liberdade⁶, acaba tendo como consequência a derrubada do Presidente, desse modo, os militares assumiram o poder com a imagem pública de heróis, salvadores da pátria, tirando o Brasil das garras revolucionárias do comunismo, organizando o movimento que iria derrubar Jango, instaurando um regime que duraria 21 anos provocando diversas mudanças no país.

O sociólogo Herbert José de Souza, afirma o seguinte sobre o acontecimento de 1964:

⁵ Ditaduras Militares. Sites.usp.br. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-ditaduras-militares#:~:text=A%20Am%C3%A9rica%20Latina%20e%20o,experimentaram%20esse%20tipo%20de%20regime>. Acesso em: 19/05/2024.

⁶ Nome comum dado a uma série de manifestações públicas que ocorreram entre 19 de março e 8 de junho de 1964, como resposta ao que foi chamado pelos militares de “ameaça comunista”.

... em 64 a Nação recebeu um tiro no peito. Um tiro que matou a alma nacional. (...) Os personagens que pareciam fazer parte da história natural brasileira, ou da História do Brasil como nós imaginávamos, esses personagens de repente sumiram. Ou fora do poder, ou presos ou mortos. E em seu lugar surgiram outros, que eu nunca sequer percebera existir. Atores bárbaros que eu nunca tinha visto. Idiotas que nem mereceriam ser notados. De repente, eles eram mais do que donos do poder, eram donos da realidade! Aí me veio a percepção clara de que o Brasil tinha mudado para sempre. (...) Havia sido cometido um assassinato político. Ali morreu um país, morreu uma liderança popular, morreu um processo. Uma derrota política de um período histórico da qual você jamais vai se recuperar nos mesmos termos. (...) Não se matam somente as pessoas, também se matam os países, os processos históricos.⁷

Pode-se perceber que, o golpe de 1964 não mudou apenas a realidade daquela época e voltou a “normalidade” em seu término em 1985, mas sim marcou a sociedade brasileira, e influencia ainda hoje os processos culturais e políticos, assim como a própria democracia, que segundo alguns pesquisadores foi pensada pelos próprios militares.

O presente capítulo tem como objetivo analisar as produções historiográficas sobre a ditadura militar, ressaltando os principais temas debatidos e como meu objeto se relaciona com essa grande área: a história da Ditadura Militar. Na qual marcou a história brasileira, como o governo fez uso do futebol de modo propagandístico de modo geral, como foi estudado e pensado na academia, e como suas representações influenciaram a sociedade da época, com revistas, jornais, propagandas políticas, visando uma boa imagem do regime militar e consequentemente um certo apoio popular.

2.1 Ditadura um debate amplo

O debate acadêmico sobre os períodos em que ascenderam e dominaram os regimes militares presentes na América Latina, dentre eles o brasileiro, começaram tratando de maneira geral e utilizando métodos mais tradicionais até os anos 1980, sendo discutidos principalmente na área da Ciência Política, segundo Carlos Fico⁸, os debates provenientes de tal campo científico, se mostravam carentes de

⁷ BARROS, Edgard Luiz de. **Os Governos Militares: O Brasil de 1964 a 1985 os generais e a sociedade a luta pela Democracia**. 4 Ed. São Paulo: Contexto, 1994 p. 13.

⁸ FICO, Carlos. **Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas**. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 9, n.20, p. 05-74. jan./abr. 2017.

evidências empíricas, Fico nos diz que por essa carência não chegaram a interessar os historiadores.

O campo historiográfico tinha diversos motivos para justificar seu desinteresse em um debate que hoje compreende-se como indispensável, devido aos diversos acontecimentos que não devemos esquecer, os abusos de poder, a violência, falta de liberdade de expressão dentre tantos outros terrores que foram vividos e experienciados pelo povo brasileiro nesses 21 anos de regime militar; um dos fatores era a escassez de fontes, a grande maioria de dados sobre a ditadura eram oriundos de discursos oficiais, depoimentos, memórias, e alguns da própria imprensa⁹.

Trabalhos de pesquisa densos que possuem um grande acervo documental sobre a ditadura são recentes, isso se deve ao fato de o regime militar brasileiro ter preservado grande parte de seus acervos, e muitos deles terem sido expostos à consulta pública desde o final da década de 80, esse evento de maior abundância de fontes trouxe a mente do pesquisador Fico o que ele chamou de “ditadura documentada” (FICO, 2008).

O processo em que se passou à pesquisa do período ditatorial brasileiro acaba por explicar o porquê de atualmente, mesmo após 39 anos do fim desse período tão conturbado, visto que, do ponto de vista acadêmico ainda existem muitos questionamentos e perguntas sem respostas que surgiram advindas dessa grande abundância de fontes.

O presente trabalho não foge desse nicho, pois, são muitos os personagens que atuaram na ditadura tanto em prol de sua progressão e continuação quanto lutando por seus direitos, por sua liberdade. Luta que não se mostra presente apenas nos tortuosos 21 anos do regime militar, mas se mostrou presente durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, se mostrou presente durante o governo de Juscelino Kubitschek. Algo que vale a pena ressaltar, será que um governo seja ele eleito e regido de maneira democrática, ou mesmo um regime autoritário que se mantém no poder por meio da violência e por aparatos legais que o protegem e fazem com que ele se perpetue no poder, poderiam de fato governar tão poderosamente sem o apoio popular?

⁹ Na qual será abordada no capítulo 2, onde se fez presente de muitas maneiras, mas, vale ressaltar que eram notícias vigiadas pelo regime, principalmente depois da LEI Nº 5.250, DE 9 DE FEVEREIRO DE 1967, na qual, regula a liberdade de manifestação do pensamento e de informação.

Os cuidados com a imagem pública do governo sempre se mostraram presentes, desde a época em que o Brasil ainda vivia uma monarquia. Essa mesma preocupação se manteve durante o regime militar, com um controle rigoroso do que seria exposto à população ou não. Tal fenômeno se refletia em diversas áreas da sociedade não sendo algo exclusivo da imprensa, como as representações artísticas, o teatro, as músicas feitas na época, as produções cinematográficas, assim também o foi nos esportes, mais especificamente o futebol, e assim como as diversas nuances surgidas nessa abundância de fontes, essa acaba sendo mais uma dentre um mar de questionamentos advindos desse período confuso, violento e de certo modo denso, pois, seu entendimento não se dá em um tempo curto podendo ser resumido em algo como “1964-1985”, seus jogos políticos, as diversas tentativas de golpe antes de fato acontecer o golpe, dentre todo contexto político social que envolve se adentrar no período de regime militar brasileiro é algo que deve ser analisado em uma longa duração, pois a influência militar advém de um processo histórico, até de fato culminar no período debatido. Apesar de se mostrar complexo, o papel e função do historiador é justamente esclarecer os pormenores da história para compreendermos as motivações que levaram a construir a história de nosso país desse modo.

O campo no qual abrange a História da Ditadura Militar é composto por diversas temáticas e assuntos, Fico (2017) cita algumas mais comumente discutidas no meio acadêmico no qual existem obras que abordam desde o golpe militar até a própria definição da periodização do regime militar.

2.2 Discussões decorrentes sobre a ditadura

As muitas discussões existentes discorrem sobre eventos relevantes no processo que culminou no golpe de 64, assim como as razões que permitiram que ele permanecesse por mais de vinte anos. Dentre elas o debate sobre o possível golpismo de Goulart, onde Caio Navarro de Toledo (2004) além de ser um dos precursores dos estudos sobre o golpe, traz alguns pontos que colocam em xeque a acusação feita como “justificativa” da queda da democracia e início do regime militar no Brasil.

Carlos Fico (2017) traz para o debate dois autores com opiniões distintas sobre o caso do golpe comunista de João Goulart, enquanto ao mesmo tempo

aborda sobre os revisionismos feitos sobre a ditadura onde algumas obras são classificadas como tal. A primeiro momento são trazidas à luz da discussão o ponto onde Fico concorda com Toledo (2004) quando afirma que: não há documentos que revelem os possíveis “planos golpistas ou continuístas de Goulart”, e que não se deve confundir golpismo com esquerdismo, acusação essa que pode ser feita no que se diz respeito aos setores pertencentes à esquerda, o que Toledo diz (que é enfatizado por Fico) que os motivos de tal são suas “palavras estridentes e discursos eloquentes”. Sendo oposto ao pensamento de Toledo o historiador Marco Antonio Villa, além de também ser acusado de revisionista, Villa compreende que de fato Goulart usou a antecipação do plebiscito para poder pressionar o Congresso Nacional em 1962, segundo nota do comandante do terceiro Exército na qual o general Jair Dantas Ribeiro comentava que a oposição dos políticos mais devotos poderia trazer consequências segundo ele imprevisíveis para as instituições, Fico (2017). Desse modo, a pressão exercida pela antecipação do plebiscito sobre o parlamentarismo ocasionou, segundo Villa, a greve geral do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) e a renúncia do gabinete Brochado da Rocha às vésperas da votação do pedido de antecipação.

Na imprensa era falado que Jango tinha como seu objetivo pelo menos o presidencialismo absolutista (como colocou o *Correio da Manhã*), que se concretiza após concluída a votação do plebiscito. Fico afirma que a tese do golpismo de Goulart se mostra infundada:

Um aspecto interessante não é mencionado pela literatura especializada: se Jango era tão claramente golpista, por que a oposição não buscou o caminho legal do impeachment: O deputado pela União Democrática Nacional (UDN) da Guanabara, Aliomar Baleeiro, bem que tentou, por meio de articulações com o Partido Social Democrático (PSD): se Jango fosse afastado a partir de agosto de 1963, o Congresso elegeria seu substituto, sendo grandes as chances de o maior partido conquistar a Presidência da República. A teses não prosperou e a direita se provou golpista. (Fico, 2017, p. 11)

O debate sobre Goulart e a ameaça comunista ainda é algo discutido e falado no meio acadêmico, mas, através dos documentos e pesquisas feitas sobre fica claro que de fato a direita usou de meios adversos além dos prescritos na constituição de 1946, tendo envolvido a imprensa como um dos meios difusores dos ideais políticos que acarretaram com o início do regime militar no Brasil, além de boa parte da população ter apoiado o golpe, em sua maioria a classe média.

O único modo de acusar Jango como sendo efetivamente golpista de maneira indubitável, seria se fosse descoberto algum estratagema ou plano que fosse confirmado como seu objetivo a perpetuação de Goulart no poder.

Fico (2017) nos diz que apesar da crítica feita por uma parcela de historiadores não fazer tanto sentido sobre Jango, quando trata do culturalismo¹⁰ a crítica ganha amplitude e sustentação teórica no que diz respeito a indicar alguns erros e equívocos sobre o conceito de cultura política, o autor destaca o pesquisador Marcelo Badaró Mattos que traz o conceito de uma maneira mais bem elaborada, o predomínio do conceito de cultura política tendo sido identificado de maneira correta em meio aos autores que são acusados de revisionistas, indica um certo determinismo de polo oposto ao economicismo marxista, a saber, o culturalismo (Mattos, 2014, p.70).

Entrar no campo da história cultural é sujeitar-se a uma vasta e ampla pesquisa, na qual, conhecer e analisar a origem e influência de uma única cultura pode acabar gerando aproximações a outras culturas, uma problemática corriqueira que normalmente surge quando se estuda história cultural. Quando nos direcionamos para o meio político isso se mostra ainda mais amplo, pois, a história política vem se transformando e evoluindo ao longo dos anos, não sendo apenas uma história objetiva repleta de respostas, mas sim, uma história cheia de questionamentos e críticas aos métodos e decisões que foram tomadas por figuras históricas ao longo dos anos, com o objetivo de entender suas finalidades e grupos que eram aliados, além do próprio papel da sociedade em meio ao processo histórico. "...Com efeito, é no quadro da investigação, pelos historiadores do político, da explicação dos comportamentos políticos no decorrer da história, que o fenômeno da cultura política surgiu..." (BERSTEIN, 1998, p. 349). Desse modo, as antigas maneiras de pesquisar e compreender o complexo jogo político na história, se utilizando de teses marxistas, ou mesmo idealistas não permitiam ao pesquisador concluir completamente seu trabalho/tese conseguindo apenas algumas frações de um todo. A cultura política surge como uma maneira de se analisar um mesmo fenômeno político por diversos ângulos, chegando a diversas conclusões e

¹⁰ Originalmente pensado e criado pelo filósofo e sociólogo Florian Znaniecki em seu livro, *Cultural Reality*, publicado em 1919. Sendo uma corrente que defende a importância da cultura como uma força capaz de organizar e influenciar um meio, podendo ele ser político, social, econômico etc.

consequentemente como fala Berstein vai se adaptando a própria complexidade humana.

Seu campo de abrangência é amplo e devido a isso compreender e conseguir utilizar a cultura política pode ser um pouco trabalhoso. Alguns pesquisadores trazem definições sintetizadas sobre o que é de fato a cultura política:

Porque a noção é complexa, a sua definição não poderia ser simples. Pode-se admitir, com Jean-François Sirinelli, que se trata de <<uma espécie de código e de um conjunto de referentes, formalizados no seio de um partido ou, mais largamente, difundidos no seio de uma família ou de uma tradição políticas. Desta definição, reteremos dois factos fundamentais: por um lado, a importância do papel das representações na definição de uma cultura política, que faz dela outra coisa que não uma ideologia ou um conjunto de tradições; e, por outro lado, o carácter plural das culturas políticas num dado momento da história e num dado país. (BERSTEIN, 1998, p. 350)

A grande revolução que traz consigo e o ponto chave da cultura política que a diferencia dos antigos métodos de se analisar política, é o fato de não ter como objetivo uma definição universal única que vai caracterizar um grupo, seu objetivo é justamente evidenciar que ao invés de uma definição o grupo/sociedade é composto por diversos fatores que estão interligados entre si formando assim consequentemente a identidade geral deste grupo. O modelo republicano analisado na obra *Le Modèle républicain* Berstein e Rudelle chegam as conclusões que a cultura republicana estava ligada a ideais positivistas, pregava o avanço gradual do país com o povo sendo o principal agente no processo, com a ajuda do sistema educacional empregar termos como: cidadãos, grandes antepassados, princípios imortais e “progresso”, unindo eventos passados ao governo atual para trazer um maior sentimento de pertencimento à nação. “É dizer que a cultura política supre ao mesmo tempo uma leitura comum do passado e uma projeção no futuro vivida em conjunto.” (BERSTEIN, 1998, p.351)

A noção de cultura política apesar de estar ligada ao âmbito da cultura global de uma sociedade não incide em seu todo, focando apenas e exclusivamente no político. Há um certo desejo de haver apenas uma cultura única nacional, é evidente que em uma única sociedade coexistem diversas culturas, mesmo nesse debate a

cultura da elite se diferencia da cultura das massas, porém, não se pode descartar a ideia completamente, afinal, podem se eleger alguns valores nos quais a maioria concorde, chegando próximo de uma cultura nacional. No campo da história se mostra claro a grande abrangência de culturas políticas em meio a uma sociedade, variando de região para região, com costumes e ideais diferentes, entretanto, se hipoteticamente ampliarmos essa região então teríamos uma cultura que influencia outras culturas. Berstein cita alguns exemplos práticos dessa influência, o socialismo se utiliza da república temporariamente até atingir seu objetivo real, uma sociedade sem classes, assim como a católica que emerge uma democracia cristã mesmo tendo como objetivo real a totalidade.

O surgimento da cultura política se dá frente aos problemas enfrentados pela sociedade, diante das grandes crises surgem soluções que acabam atravessando o tempo e permanecendo no meio social. Berstein cita alguns exemplos claros, como a grande crise de legitimidade nos anos 1789-1815 que vai acabar gerando republicanismo tradicionalista, dentre outras ocasiões e eventos. Por sua característica de inovação essas soluções levam tempo para poderem assumir a sociedade, como a República por exemplo. Além do tempo, quase como um vírus a cultura política precisa de vetores os quais podem ser: família, amigos, escola, universidade, exército, assim como a mídia com foco para os audiovisuais.

Com isto em mente, o historiador busca entender as motivações de órgãos públicos, dos jornais, revistas, protestos, em meio aos acontecimentos para compreender como de fato se pensava e agia o grupo. Identificando a cultura política o pesquisador pode descobrir as origens dos indivíduos, e ainda estabelecer uma lógica em meio a tantos valores e parâmetros fugindo de uma tese/teoria superficial, e conseguindo uma conclusão mais profunda. Podendo inclusive compreender o grupo, entender as razões que os uniam e pensavam da mesma maneira, tendo uma visão de mundo coletiva. Mesmo que seja apenas um dos campos da cultura, a cultura política abre um imenso leque de perguntas e respostas, os quais desvendam as motivações dos homens na história.

Fico (2017) afirma que a crítica não se dá exatamente nos usos demasiados do conceito, mas, sim na sua fragilidade, “De fato, o uso que temos feito desse conceito é problemático. Muitos de nós o utilizamos sem qualquer problematização, referindo-se às considerações básicas de Serge Berstein, que também parte da crítica à insuficiência do marxismo” (Fico, 2017, p.17). Para o autor, o conceito de

Serge Besrtein tem dois grandes problemas, o primeiro sendo a falta exatidão quando ele afirma sobre existir ou não uma cultura política global, deixando apenas a possibilidade de existir; o segundo ao mesmo tempo que Berstein (2009) diz que “o ato político é em grande parte um fenômeno individual e que a cultura política é resultante do banho cultural em que o indivíduo está imerso”, ele define enquanto fragiliza sua própria afirmação.

Apesar do delongamento proposital do debate sobre culturalismo¹¹ Presente no campo da História da Ditadura Militar, esses são apenas alguns dos diversos campos que abordam o período que compreende os anos de 1964-1985. O atual trabalho tentará em meio às suas poucas páginas esclarecer a possível influência do futebol em sua conjuntura com a política e a imprensa, com os usos da imagem dos jogadores, assim como a seleção em seu coletivo em meio às páginas da revista *Manchete*. Desse modo, este trabalho traz uma perspectiva diferente dos temas mencionados, além de outras temáticas conhecidas, tendo seu foco em um campo que ainda está em estágio inicial no meio acadêmico, porém, sua discussão se mostra relevante na medida que eventos futebolísticos se tornaram atualmente muito populares, trazendo em forma de denúncia e respeito por seus jogadores e clubes pautas importantes da sociedade como a homofobia, o racismo assim como a liberdade de expressão e crença. A cada dia que passa o esporte se torna ainda mais influente, e durante os anos 1970 já demonstrava isso, de modo que o regime usou isso a seu favor. Alguns autores já discorreram sobre a temática que ainda se mostra muito tímida, entretanto, pertinente.

2.3 O primeiro tempo inicia dentro da academia

O debate do campo da História do Esporte sobre as influências existentes entre o esporte e a política dentro do ambiente acadêmico, acaba ficando escondida em meio aos pormenores da história política entrando como algo que faz parte dela, mas não tendo sua devida independência teórico-metodológica, visto que, é um campo a parte assim como os outros onde existem características únicas que não podem ser encontradas ou discutidas se postas em um debate puramente político,

¹¹ Considero interessante o leitor ter uma pequena compreensão do que se trata o conceito de cultura política, devido ao fato da revista *Manchete* estar inserida nesse meio de propagação ideológica política do regime militar, assim contribuindo para que a cultura do regime se mantivesse.

mas sim colocado em relação ao político de maneira conjunta, porque apesar dos temas serem pesquisados separadamente (História Cultural, História Política, História Econômica, etc.) eles pertencem à mesma grande rede que forma a sociedade.

Do mesmo modo que as temáticas mais recorrentes tem debates mais profundos e embasados, assim também é relevante fazer no campo da História do Esporte, Pierre Bourdieu destaca:

(...) a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e crises, em suma, sua cronologia específica.
(1983, p.119)

A pesquisadora Livia Gonçalves Magalhães (2014) traz em sua pesquisa alguns das principais influências e relações do futebol de maneira conjunta com os regimes militares da Argentina durante a Copa do Mundo de 1978, e do regime militar no Brasil durante a Copa do Mundo de 1970, mostrando que o futebol vai muito além de um elemento usado para manipulação, no qual pensa-se que não possui autonomia alguma, ou mesmo uma dinâmica própria, dentro das sociedades que no caso de sua pesquisa são a argentina e brasileira. Magalhães aborda alguns questionamentos frequentes, entretanto, que muitas vezes são vistos sem a perspectiva esportiva:

(...) nessa disputa de memórias, de interpretações e significados dos períodos autoritários recentes, qual seria o papel da sociedade? E como entender esses momentos de glória esportiva: a simples lógica da manipulação era suficiente para explicar as grandes manifestações, comemoração e o orgulho nacional com as vitórias?
(2014, p.11)

Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrat em seu livro *A Construção Social dos Regimes Autoritários* (2010) afirmam que o futebol tornou possível aos governos civil-militares mais recentes tanto da Argentina e o Brasil, uma efêmera renovação do consenso que inicialmente permitiu os golpes em si. Ao mesmo tempo que as Copas do Mundo foram também como já mencionado um espaço de manifestações sociais, que atravessam a simplicidade da dicotomia apoio/resistência, sendo considerado que o autoritarismo deve ser entendido como elemento da cultura política dessas sociedades.

Gilberto Agostino discorre na mesma direção que as autoras acima, seu livro *Vencer ou Morrer* (2002) aborda os usos do futebol como um meio de trazer à tona os ideais de Nação, orgulho, além de criar uma consciência de fazer parte de uma grande comunidade nacional. É nesse sentido que o trabalho se direciona, dentro desse debate, sobre os pormenores que englobam o meio futebolístico e sua relação com o regime e a imprensa, que usou de sua influência no meio social.

3 A IMPRENSA UMA ARMA POLÍTICA?

“Os judeus perderam Cristo por falta de propaganda. E fizeram mau negócio, pois um homem como aquele não se perde. Abraços. Adolpho.”¹²

(Adolpho Bloch)

A imprensa¹³ foi durante muito tempo um dos principais veículos de comunicação entre as décadas de 1930 a 1970, diante de diversos cenários principalmente políticos e econômicos seus discursos são construídos de maneira a cativar o leitor e de certo modo indicar caminhos a serem escolhidos, podendo ser uma opinião política ou a compra de uma roupa nova. Como o fez a *Manchete* na sua edição 23 do ano de 1952 indicando Juscelino Kubitschek como próximo Presidente da República, dedicando a foto de capa ao na época governador, além de uma notícia dedicada ao governador.

Figura 1: Revista *Manchete* - Edição 23, publicada em 27 de setembro de 1952.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional - Revista *Manchete* (1952).

O presente capítulo irá analisar a importância e poder influenciador da mídia no âmbito social, principalmente o jornalismo impresso que durante o período de ditadura militar no Brasil foi utilizado como uma peça-chave para sustentação do golpe, trazendo uma falsa noção de crescimento e segurança nacional. Tal trabalho teve inclusive a ação efetiva de um órgão criado pelo General Arthur da Costa e Silva: Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), criada em 1968 com a

¹² BLOCH, Adolpho. *O Pilão*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978, p.28.

¹³ No presente texto os termos “imprensa” e “jornalismo” são utilizados como sinônimos, porém, compreendo que nem toda imprensa é construída por jornalistas de formação que possuem diploma.

finalidade de assessorar o Presidente do Brasil na área de Comunicação Social¹⁴, desse modo, os meios de comunicação assumiram o trabalho e objetivo de defender e promover os ideais sociais e políticos defendidos pelos militares.

A mídia pode e deve ser utilizada como fonte histórica de análise de um determinado período histórico, mas, toda sociedade tem em sua produção do discurso um controle, organização e seleção os quais têm como função filtrar a “boa imprensa” da “má imprensa”¹⁵, onde o mal seria justamente o que entra em conflito com as propostas do governo e critica os meios e métodos utilizados em seu governo, e o bom se define como a imprensa considerada “mansa”, ou seja, não procura combater nem descaracterizar a ditadura se mantendo geralmente neutra ou mesmo a favor do próprio, como foi o caso da *Manchete* que buscou se aliar a ditadura vigente desde sua criação em 1958 com o governo JK que neste caso em particular Adolph Bloch o dono da revista tinha uma amizade pessoal considerável com o Presidente, que é enfatizado por Nascimento (2015).

Desse modo, o capítulo abordará a imprensa como fonte histórica e sua utilização no âmbito acadêmico, assim como suas possíveis ligações com a política e o papel da *Manchete* nesse jogo de informações e controle de massas.

3.1 Origem

O campo de trabalho e pesquisa do historiador vem se expandindo cada vez mais, atualmente já se observa trabalhos acadêmicos que se utilizam da fonte impressa como fonte e objeto de pesquisa, porém, é algo recente pois até a década de 1970 eram muito escassas as pesquisas que usufruíram desse tipo de fonte. De fato, os traços positivistas ainda permeiam o campo de pesquisa da história e a busca de uma verdade absoluta indiscutível ainda acontecia, tendo como base os documentos que eram considerados oficiais, por terem credibilidade, neutralidade, objetividade etc. Em contrapartida os jornais por serem fontes parciais, subjetivas, com sua produção baseada em interesses eram então tidos como fontes distorcidas.

¹⁴ NASCIMENTO, Greyce Falção. **A Imprensa a serviço do golpe**. A repercussão do AI-5 nas páginas da revista *Manchete*. Recife: Faculdade Maurício de Nassau. 2015.

¹⁵ CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp. Acesso em: 14 abr. 2024., 1994.

A escola dos Annales¹⁶ propôs mudanças e renovações, desde procedimentos metodológicos até as problemáticas discutidas e debatidas, porém, a noção e percepção dos jornais, revistas e periódicos em geral não teve essa mudança principalmente enquanto objeto de estudo da história, ainda se mantinham resistência entre os pesquisadores acerca do uso imprensa como fonte, Autores como Marc Bloch e Lucien Febvre praticavam em seus grandes livros, a história intelectual renovada, história das mentalidades e da instrumentação mental, não sendo mais apenas uma história das ideias, entre diversas outras renovações que chegaram com a escola dos Annales os quais geram muito mais interesse e atração.

As renovações propostas pelos Annales de temas, de problemáticas e ainda o próprio fazer historiográfico foi mudando assim como os procedimentos metodológicos revolucionando o campo de pesquisa da História, porém, essas mudanças não atingiram os periódicos, ou seja, a fonte imprensa, com isso alguns pensadores perceberam que assim como as fontes já conhecidas como documentos, objetos, artefatos, os registros semanais de revistas e jornais mantinham traços da cultura de uma sociedade, até mesmo de como ela se comportava em determinados eventos dependendo do periódico analisado, desse modo nos anos 1960 surge no Brasil os primeiros usos da imprensa como fonte de pesquisa da História.

A partir dos anos 1960 com o lançamento do livro “*História da Imprensa no Brasil*”, de Nelson Werneck Sodré, a imprensa começa a entrar no campo de pesquisa acadêmica como uma fonte primária relevante, após o livro começam a surgir diversas pesquisas envolvendo temas diversos como cultura, economia e política tendo como base panfletos, almanaques, jornais, revistas etc. Apesar de seu reconhecimento a fonte imprensa ainda tem muitos problemas que não podem ser ignorados. Os conteúdos presentes nas edições por esse meio de comunicação devem ser analisados tendo em vista principalmente seu lugar de ocupação publicitária e para quem são destinados os artigos ou reportagens do periódico em questão. Fatos como o lugar de certa notícia, a motivação para publicação e a

¹⁶ A escola dos “Annales” ficou assim conhecida porque o grupo de pesquisadores que a compunha era organizado em torno do periódico francês *Annales d'histoire économique et sociale*, onde eram publicados seus principais trabalhos. Seus fundadores foram Lucien Febvre e Marc Bloch no ano de 1929. Propunham olhares e métodos diferentes de se estudar a história, indo além da visão positivista onde havia uma cronologia de grandes eventos, e mudando do tempo breve de análise para a longa duração, deixando mais claro o entendimento de sociedades e das mentalidades, que buscavam entender o pensar da sociedade.

maneira que está posta o discurso, até mesmo se é uma notícia de capa ou de fim de página influenciam na análise, tendo isso em vista pode-se chegar à conclusão de que esses meios acabam agregando seus consumidores em torno de ideais e valores tendenciosos à empresa, ou mesmo o governo que esteja financiando a publicação deles.

Desse modo, Barbosa (2013) nos diz em seu livro “*História da Comunicação no Brasil*” sobre a necessidade de estabelecer ações buscando estudar um “corpus” específico de textos ou textualidades, tendo como objetivo compreender e perceber segundo a autora os significados plurais contidos nestes textos, assim como era a relação dos leitores com os tais artigos e notícias. O ponto chave é entender como possivelmente eram passados esses ideais por meio dessa imprensa, e como isso influenciava o comportamento do meio social ou de grupos sociais.

No caso brasileiro que é o foco do atual trabalho, a imprensa surge muito tardiamente tendo pouca influência durante o período de Colônia. A Coroa criou muitos obstáculos para dificultar o desenvolvimento e impedir que as críticas que surgiram em meio as folhas publicadas se propagassem, (mesmo que grande parte da população ainda fosse analfabeta) e os próprios centros urbanos ainda eram pouco desenvolvidos, com a maior parte vivendo no campo. Mesmo assim circulavam alguns diários e panfletos, que eram possíveis de serem lidos graças a um fator determinante para superar as dificuldades educacionais distintas e reservadas ainda a poucas pessoas, eram feitas leituras em voz alta em lugares que havia circulação de pessoas, geralmente eram textos que tinham como características principal o antilusitanismo e o anticolonialismo, por conta das muitas dificuldades tais jornais acabavam não conseguindo se manter tendo durações muito curtas.

A faísca que acende de fato a criação da imprensa no Brasil é a vinda da família real, no ano de 1808, tal evento provocou muitas mudanças que acabaram movimentando o interesse popular, desse modo, no aniversário do príncipe regente D. João no dia 13 de maio de 1808 é criada a Imprensa Régia a primeira editora instalada no Brasil tendo o governo imperial com sua posse, nela é então editado e publicado o primeiro jornal oficial por assim dizer da colônia: *A Gazeta do Rio de Janeiro*. Chama atenção a preocupação da Coroa em impedir o seu desenvolvimento inicial, porém, ao mesmo tempo ela é pioneira e traz o seu próprio jornal, um possível interesse em interferir na opinião pública a favor do

recém-chegado D. João. Com a Imprensa Régia outros jornais surgem tanto na própria Capital do Reino que era o Rio de Janeiro neste momento, quando em outras províncias, dentre eles os que ganharam destaque foram os periódicos de oposição política principalmente nas lutas pela independência, a partir desse momento começam então as primeiras censuras que muitas vezes acabavam por impedir a circulação destes jornais.

Um caso conhecido e que traz alguns questionamentos foi o caso do *Correio Braziliense* que foi impedido de ser publicado no Brasil devido a seu caráter questionador e crítico sobre a Coroa Portuguesa entre as suas campanhas do ano de 1808 tem-se: Liberdade de imprensa; garantia de propriedade; publicação dos orçamentos e das contas do Tesouro público, entre diversos outros questionamentos e exigências referentes ao governo português, devido a isso teve suas publicações em Londres, existem críticas e elogios ao seu criador José Hypolito da Costa, porém, a questão que norteia seu jornal é a criação do *Investigador Português* pela Coroa para fazer frente à oposição do *Correio*, sendo publicado também em Londres, além disso a Coroa também viria a pagar mil libras esterlinas por ano a Hipólito a partir do ano de 1813, visando o abrandamento das críticas pelo jornalista a partir do acordo. Pode-se notar o poder do jornal pelo comportamento da Coroa, mas, diante de tantos “fatos” é possível ligar e fazer algumas relações da Imprensa com o governo desde sua criação como foi mostrado, dessa maneira como se porta ou se coloca a Imprensa nesse meio? Sendo ao mesmo tempo um meio que pode tanto trazer críticas como elogios, além de propagar ideais que tem como finalidade uma possível sustentação política ou mesmo empresarial visando lucros financeiros.

3.2 Imprensa e política

Desde sua criação no Brasil a imprensa sempre demonstrou seu potencial e força política, junto a isso o processo de renovação no campo da História Política, que mudam a perspectiva de trabalho do historiador e deixam de buscar eventos históricos, grandes batalhas e trazer o fato como algo incontestável para buscar questionamentos acerca de possíveis motivações, comportamentos, escolhas políticas, ou seja, a História Política que antes trazia respostas, agora traz perguntas. Junto da própria História Cultural, formando uma conjunção que traz pesquisas e teses, como por exemplo os pesquisadores Bethânia Mariani (1998) e

Rodrigo Motta (2000) que abordam sobre o comunismo e o anticomunismo no Brasil, utilizando a imprensa.

A imprensa se torna algo indispensável para produção de pesquisas com objetos políticos e culturais. Clóvis Rossi (CAPELATO, 1988. p.13) nos diz que: “A imprensa registra, comenta e participa da história. Através dela se trava uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes...” Essa conquista citada por Rossi, é algo que motiva questionamentos, pelos seus objetivos e motivações, além de poder permitir entender de certo modo antigas lutas, ideais e interesses.

O campo de interesse dessas pesquisas liga principalmente a busca das motivações que levaram aos acontecimentos consequentes. Tais motivações são alvo além da História Cultural como também do campo da cultura política, que segundo Sirinelli (1993) seria um código ou mesmo uma junção de referentes, alinhados por meio de um partido, ou dentro de uma família, ou uma tradição política. A cultura política pode se definir por meio de diversos elementos econômicos, culturais, políticos, morais que se mostram coerentes entre si e formam uma identidade, podendo atrair indivíduos que aderem a essa identidade. Porém, tal identidade é construída em uma longa duração sendo um processo evolutivo lento, que é permeado e influenciado por diversos meios: família, escola, universidade, exército, meio de trabalho, mídia, etc. Vetores que transmitem a integração de uma possível cultura política, a família orienta a criança a pertencer aos ideais ligados a ela, assim como a universidade podem transmitir de maneira indireta contraposições do discurso familiar, e assim por diante, o que vale frisar é que são meios de socialização política tradicional, e é nesse processo social que são criadas culturas políticas, e que culturas antigas são superadas.

Nesse meio a imprensa tem o papel de difusão de representações, porém, devido a seu caráter plural não tem sua influência focada em um único indivíduo, seu modo variado composto por diversas influências acaba resultando em diversas culturas políticas que muitas vezes são resultado de um processo completamente imprevisível do que algo previsível como uma mensagem única.

O caráter plural da imprensa se dá devido a seu objetivo, que é acompanhado de um financiador, ou seja, é vendida uma mercadoria escrita que precisa ser comprada para se manter, e o produto que é ofertado a ser vendido geralmente é a “mercadoria política” um tipo de negócio que acaba envolvendo duas esferas da sociedade a esfera política e a esfera privada. Nesse meio acaba se criando uma

relação paradoxal onde a informação é um direito público, porém, o jornalismo ocorre fundado essencialmente na esfera privada. Com a lógica do lucro e a luta contra a concorrência os textos e artigos são escritos de modo a atrair muitos leitores e agradar a muitos tipos de gostos, com isso o objetivo real da imprensa se perde, que na verdade seria o veículo de informações intermediando principalmente a relação governo e sociedade, segundo os ideais políticos liberais que pregam total transparência dos atos e decisões governamentais, tendo a imprensa como um dos canais para transmitir tal transparência Capelato (1988).

Torna-se possível notar que a imprensa acaba se moldando dentro dos padrões exigidos pelos poderosos, que podem ser tanto o governo quanto os empresários, desse modo, se distanciando de sua função que teoricamente seria de comunicar as notícias mantendo uma neutralidade diante dos acontecimentos, e realizando na prática uma fabricação de “fatos verídicos”, Capelato (1988) comenta sobre o uso proposital de determinadas notícias tendenciosas:

Nos Estados liberais, a Constituição garante a todos a liberdade de expressar sua opinião e de obter informações. A imprensa é o veículo apropriado para esses fins. Todos são livres e iguais perante a lei, mas na prática uns são mais livres e mais iguais. Ocorre então que, neste mundo desigual a informação, direito de todos, transforma-se numa arma de poder manipulada pelos poderosos. (Capelato, 1988, p. 18)

A informação como um meio de beneficiar quem estiver no poder, assim como a imprensa se molda para o poder, o mesmo se altera para auxiliar o trabalho que terá como consequência seu ganho próprio, dessa maneira, a opinião se transforma em crime político e ao mesmo tempo se transforma em direito, enquanto concordar e afirmar as expressões políticas dominantes é compreendida como um direito público, se a mesma for usada em discordância do discurso dominante gerando críticas ou reclamações é compreendida como um crime. Essa questão se encaixa nas lutas pela liberdade de imprensa onde houve jornalistas e jornais que resistiram a espada da censura¹⁷, alguns jornais como: *Opinião*, *Movimento*, *Em Tempo*, *Pasquim*; debatidas principalmente no período do regime militar (1964-1985), onde teve um processo violento de censura e repressão de imprensa, assim como na cultura de modo geral afetando músicas e outras produções

¹⁷ AARÃO, Daniel; ROLLEMBERG, Denise. **Censura nos meios de comunicação**. Gov.br, 2022.

Disponível em:

<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/censura-nos-meios-de-comunicacao>

artísticas que traziam críticas ao governo em seu conteúdo, seja de maneira direta ou indireta.

A censura promovida pelo governo em selecionados jornais e revistas, acaba gerando um aumento do consumo dos que eram a favor dele, com isso acarretava uma confirmação maior do discurso, pois, o que eram contra tinham dificuldade de leituras e de sua própria sustentação, dessa maneira as falas direcionadas positivamente ao poder se tornavam mais populares. Com isso cabe o questionamento, de como eram feitas tais notícias e quais artimanhas eram utilizadas para sua continuidade no mercado, assim como o objetivo de seus artigos. Uma das revistas que fizeram muito sucesso principalmente no período do regime militar foi a, *Manchete*, tendo grande apoio governamental e financeiro, tendo um grande diferencial das concorrentes investindo na qualidade gráfica, além de sua composição ser feita de maneira completamente eletrônica, enquanto a concorrência ainda o fazia de modo manual, se transformou em seu auge a revista mais vendida do país.

3.3 Manchete

Sua origem se deu devido ao antigo ofício da família Bloch, que no começo do século XX já trabalhava na área gráfica. Na Ucrânia produziam diversos tipos de panfletos e folhetins, Adolpho já ajudava seu pai Joseph desde criança em folhetos que serviam de propaganda para o movimento revolucionário na Rússia em 1917. Com os bolcheviques chegando ao poder, os Bloch com medo da instabilidade política e do antissemitismo fogem do país, visto que, eram todos descendentes de judeus. Chegam ao Brasil em 1922, estabelecem uma pequena gráfica na Rua Vieira Fazenda nº24 no Rio de Janeiro na região central da cidade com os poucos recursos restantes. No ano de 1939 se estabeleceu em um grande edifício de seis andares na rua Frei Caneca, se mantendo na área central.

A *Manchete* foi criada em 1952 visando uma aproximação com o presidente da época Getúlio Vargas, e assim Adolpho Bloch prossegue dando apoio aos governos vigentes independente de sua posição política ou partido, mantendo assim uma postura de contradição. Apoiou Juscelino Kubitschek mantendo uma relação de amizade mesmo após o fim de governo, que inclusive teve seu corpo velado na sede da revista. Ricardo Constante Martins enfatiza que além de ter apoiado o golpe a

revista também prosseguiu apoiando os governos militares, porém, segundo sua análise somente durante o governo Médici com a contribuição efetiva para conquistar um maior poderio de seus atos em relação ao povo, sempre com notícias e matérias associando o crescimento econômico a figura do presidente, que a revista assume o papel de difusor de ideologias e propaganda política:

Para o autor, Manchete trazia características ideológicas que não se dissociavam da ideologia do Estado, contribuindo decisivamente para a construção do “milagre econômico”. A revista fez parte da chamada indústria cultural brasileira, a partir do conceito de indústria cultural, elaborado por alguns pensadores da Escola de Frankfurt, especialmente Adorno e Horkheimer. Nesse período, os meios de comunicação no Brasil receberam concessões e apoio dos setores públicos. (Nascimento, 2015, p.21)

A imprensa só permanece se pagar seus impostos e para tal deve-se ter cuidado com as notícias que são publicadas por seus redatores, alguns jornais e revistas tentaram fazer oposições, mas, não conseguem se manter por falta de recursos e quando conseguem o próprio governo censura para evitar grandes escândalos ou revoltas populares, assim, o apoio de setores públicos a meios de comunicação é direcionado justamente aos jornais e revistas que apoiam a ditadura, como foi o caso da *Manchete*.

Ao adentrar o campo do Jornalismo-revista depara-se com os mesmos paradoxos dos jornais impressos, tendo objetivos e meios controversos ao seu real método de ser um denunciador crítico e a voz do povo, entretanto, tal paradoxo fica ainda maior quando se discute a *Manchete*, pois, o seu dono Adolpho apesar de manter um caráter apoiador do regime nas páginas de sua revista provendo meios para fortalecer o autoritarismo na época, mantinha amizades completamente opostas com comunistas como Oscar Niemeyer e Leonel Brizola, auxiliando o último inclusive em sua campanha para o governo do estado do Rio de Janeiro nos anos 1983 e 1986. Sem a intervenção da revista seria impossível para Brizola se eleger, tendo seu nome em penúltimo nas pesquisas antes da entrada publicitária de seu amigo Bloch (Nascimento, 2015).

Adolpho Bloch durante o auge de sua revista, também criou a emissora de TV Rede Manchete, além de uma produtora musical. No âmbito das revistas não se

restringiu apenas a popular *Manchete* criando outros periódicos alternativos como a *Manchete esportiva*, *Pais e Filhos*, para atrair públicos variados. A enorme expansão da Bloch Editores é caracterizada como um monopólio de fato, pois, ela era a concentração maior da propriedade respectivo ao setor de comunicação no Brasil, Luiz Alberto Grijó¹⁸ afirma que tal monopólio pode ser considerado um “monopólio em cruz”:

Trata-se da oligopolização dos controladores dos meios de comunicação sociais, o que também é referido como “concentração da propriedade”. Capparelli e Lima demonstram pormenorizadamente essa tendência crescente tanto no plano mundial, no qual ela se dá como “fruto de um processo de aquisições, fusões e joint ventures”, quanto no Brasil, onde, “antes mesmo da globalização que vem promovendo a concentração da propriedade no setor de comunicações em todo mundo”, o mercado respectivo “já era concentrado no que se refere à “concentração horizontal, quanto à vertical, à cruzada e ‘em cruz’”.

Fica claro o potencial e poder da imprensa no meio político do país, com o foco no semanário dos Bloch que teve um grande período de hegemonia graças a essas relações construídas por Adolpho com pessoas de grande influência, chegando a fazer parte da comitiva oficial de João Goulart nos Estados Unidos em Washington sendo recebidos pelo presidente John F. Kennedy. A revista se manteve por muito tempo com empréstimos, financiamentos, perdão de dívidas por impostos, entre outros privilégios, os quais foram possíveis graças às relações amistosas com os governantes, fato esse que se comprova quando a dinâmica política se torna mais maleável e o grupo começa a ter dificuldade a continuar com os privilégios, nesse ponto a revista começa seu processo de queda que culmina em sua falência, além de não ter investido a longo prazo como algumas revistas na época fizeram.

¹⁸ GRIJÓ, Luiz Alberto. A mídia brasileira no século XXI: desafios da pesquisa histórica. **História do tempo presente**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 279-298, 2014.

4 O DÉCIMO SEGUNDO JOGADOR, A MANCHETE ENTRA EM CAMPO

A revista *Manchete*, desde sua fundação não mediu esforços para fazer frente a sua concorrente na época, a revista *O Cruzeiro* que já estava consolidada e contava com milhares de exemplares vendidos por semana. Desse modo, a *Manchete* usou de novas táticas a composição manual foi trocada pela composição eletrônica, tendo investimentos pesados na qualidade gráfica com cores fortes que atraíam o público, e aliados para poder se consagrar no ramo periódico do “jornalismo-revista”, onde abrangem tanto notícias sobre o país e o mundo, quanto artigos com objetivos no divertimento e entretenimento de maneira geral (Nascimento, 2015).

Assim como foi falado no capítulo I, o principal uso da imprensa no governo e ano analisados de 1970 tendo Médici como presidente foi um uso de distração, ou seja, para tirar o foco dos acontecimentos que ocorriam no território nacional eram usadas muitas matérias e notícias sobre os países de fora, principalmente sobre a Europa que já estava em processo de ascensão após as percas das duas Grandes Guerras Mundiais, sobre esse excesso de conteúdo internacional Justino Martins que foi diretor da revista, fez um relatório contendo segundo ele os principais defeitos e problemas da revista, dentro de cinco laudas eram questionados o porquê de haver cerca de 50% a 70% sobre assuntos estrangeiros na revista (Nascimento, 2015).

Além de grandes coberturas sobre o exterior, a revista contava com escritores como: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Ligia Fagundes Telles, entre outras figuras respeitadas e consolidadas. A revista era composta por cerca de 70% de somente fotografias, em uma época onde a televisão ainda era preto e branco suas muitas páginas coloridas e bem chamativas tinham muito destaque até pelo menos o ano de 1974, Nascimento (2015) diz que esse era de fato o objetivo da revista, fazer com que populares temas mundiais que eram muito comentados na época como o Sputnik, se transformassem em matérias de simples entendimento que qualquer um mesmo sem conhecimentos sobre o tema pudesse entender o que estava acontecendo.

O ano de 1970 ficou marcado por diversos acontecimentos, como o conhecido “milagre econômico”, a Copa do Mundo tendo consagrado de vez Pelé como “rei do futebol” e o Brasil como uma das melhores seleções de futebol do

mundo com seu tricampeonato mundial. Dentro desse contexto este capítulo irá realizar uma análise em meio às páginas da *Manchete*, sobre as representações da seleção brasileira produzidas pela revista *Manchete* durante o ano de 1970, considerando as relações estreitas que essa revista tinha com o governo militar, desse modo, o capítulo será dividido em analisar os artigos e capas da revista sobre o período “pré-copa do Mundo”, “durante a Copa do Mundo” e a “conquista do título”.

4.1 Antes da conquista, os preparativos para a copa

A revista como já foi falada dava prioridade a publicar notícias sobre o cenário internacional, e quando os assuntos envolviam o Brasil geralmente eram sobre brasileiros no exterior, e quando de fato havia notícias sobre o país dentro do país a maneira que era redigida o discurso era compreendida de modo a favor do regime, assim como também foi durante o governo de Juscelino Kubitschek.

Adolph Bloch e sua revista durante a posse de Médici no regime contribuíram com o projeto do governo, ajudando o então presidente a ter uma maior hegemonia de seus atos (Martins 1999). Segundo Ricardo Constante Martins que teve o trabalho de analisar e pesquisar sobre a revista *Manchete* durante o governo Médici, Nascimento (2015) destaca o pensamento do autor:

Manchete trazia características ideológicas que não se dissociavam da ideologia de Estado, contribuindo decisivamente para a construção do “milagre econômico”. A revista fez parte da chamada indústria cultural brasileira, a partir do conceito de indústria cultural, elaborado por alguns pensadores da Escola de Frankfurt, especialmente Adorno e Horkheimer. Nesse período, os meios de comunicação no Brasil receberam concessões e apoio dos setores públicos. (Nascimento, 2015, p. 21)

O fato de o auge da revista ser durante o regime militar não é mera coincidência ou “sorte”, mas sim essa relação muito próxima com os presidentes, além de suas estratégias e técnicas que acabaram vencendo a concorrência. Althusser criou um conceito conhecido como “Aparelho Ideológico de Estado”, para Martins (1999) foi exatamente isso que representou a revista durante os 21 anos de regime militar, graças ao vínculo ideológico e identificação que a revista procurou manter com o projeto político e econômico da ditadura militar. Foi justamente durante o governo Médici que a *Manchete* ao seu todo se transformou de maneira integral com a ideologia do regime, trazendo discursos que buscavam justificar a

maneira autoritária que se deu o governo como meio de mostrar que era algo necessário ao “progresso e desenvolvimento do país”.

Dentro deste contexto, a primeira edição do ano de 1970, de número 924 lançada no dia 3 de janeiro, traz a imagem do “rei” Pelé em meio a sua festa em comemoração aos seus mil gols, dentro desta festa a edição conta com algumas fotografias da festa do rei como foi chamada, além de uma suposta conversa entre Pelé e o artista de sucesso na época Simonal.

Figura 2: Revista *Manchete* - Edição 924, publicada no dia 3 de janeiro de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional - Revista *Manchete* (1970).

A figura de Pelé como garoto propaganda do regime já começa a ser usada desde o golpe, porém, é a partir do ano de 1970 que ele de fato começa a representar o Brasil de modo a ser o brasileiro mais famoso do mundo, Pelé sempre quando perguntado sobre o Brasil respondia de maneira branda dizendo que estava tudo bem, que o país progredia muito bem, que o povo era muito feliz, algo bem contraditório a realidade. Pelé apesar de ter nascido e crescido como um garoto pobre, esqueceu suas raízes e viveu uma vida egoísta para ganho própria em cima de sua imagem, realidade que não aconteceu com os outros jogadores que também trouxeram a taça Jules Rimet para casa, em passagem contida no Arquivo Nacional, é percebido essa afinidade do craque com o regime:

O palácio do Planalto vive um dia diferente. O maior atleta mundial do futebol, Pelé, é recebido pelo presidente Médici, que também é um entusiasta desse esporte. Com afabilidade o presidente palestra com Pelé, colhendo impressões do craque e de sua fabulosa carreira nas disputas nacionais e internacionais, até a proeza do milésimo gol. (Arquivo Nacional, 1969)

Por que Pelé foi representado pela revista em tal situação? Por que a revista focava na figura de Pelé e não de outros jogadores? Garrincha segundo os antigos como já foi citado jogou “mais bola” do que Pelé, durante a Copa de 1962 com Pelé tendo se machucado logo no início da competição seu substituto foi Amarildo que entrou muito bem tendo feito três gols ao todo da competição, e com atuação chave para conquista do título (hoje em dia nem se sabe quem foi Amarildo, com exceção de alguns admiradores da era de ouro da seleção que foi do fim da década de 1950 até o início da década de 1970), além disso o diferencial para a conquista do bicampeonato mundial foi o garoto das pernas tortas, Garrincha que foi eleito melhor jogador da competição além de ter se consagrado um dos artilheiros com quatro gols e duas assistências, fora todo seu espetáculo em campo, aos termos atuais ele era um “showman” com fintas e dribles de deixar os adversários no chão. Garrincha ao contrário de Pelé não apoiou o regime, nem o golpe, muito menos as ações tomadas pelos militares, isso foi fundamental para eles fazerem com que a imagem do “rei” suprimisse os feitos do eterno Mané Garrincha, quando questionado sobre o ofuscamento de sua imagem em entrevista televisiva a um jornal ele afirmou que nunca jogou para ser reconhecido, mas sim porque amava o seu país e seu clube que garantiu sua carta de entrada para a seleção, que estava feliz de ter sido fundamental para conquista do título da Copa. Atualmente acredito que seu depoimento tímido e simples se deu devido às pressões da época, onde qualquer palavra um pouco “distorcida” poderia levá-lo à prisão ou exílio.

O período pré-copa do Mundo a revista traz em meio as suas páginas propagandas que fazem alusão ao evento que ainda iria ocorrer no meio do ano, tudo isso para criar um “clima” fazendo a população ficar cada vez mais ansiosa para ver os heróis da nação defendendo a camisa e o país dentro das quatro linhas. Seguindo o exemplo do México que transformou o sorteio em um evento muito chamativo (que até hoje se mantém como sendo um dos eventos mais esperados, poder saber quais seleções irão se enfrentar e compor os grupos da competição), a revista também fez uma matéria sobre o sorteio contendo fotografias de alta qualidade, além de uma redação muito bem redigida e atraente na edição 927

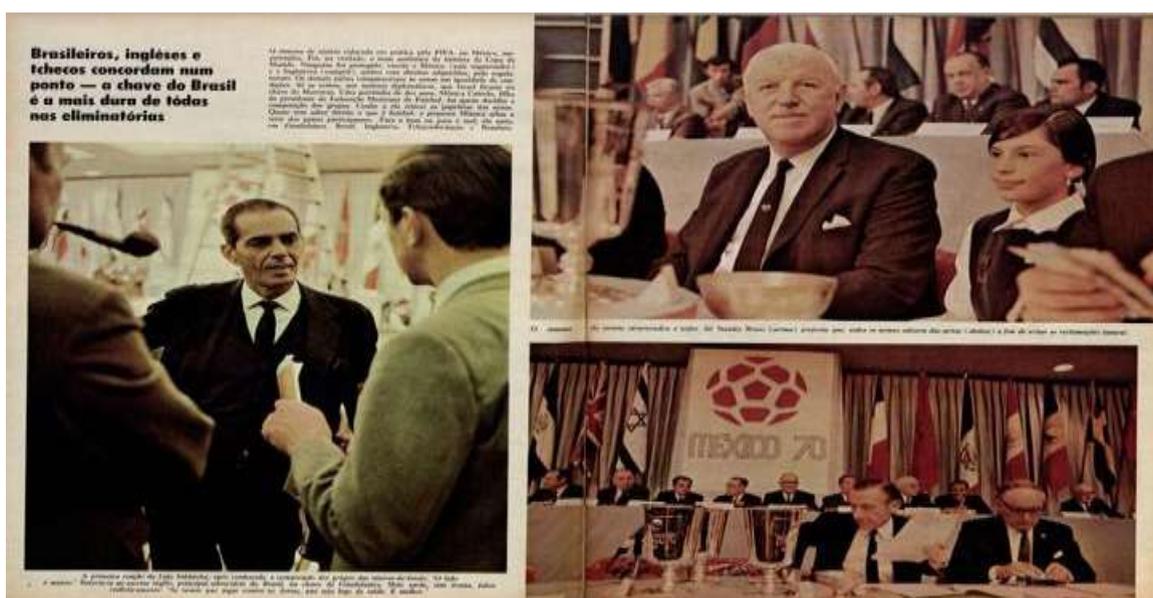
publicada no dia 24 de janeiro de 1970 , tendo uma exaltação ao evento ocorrido no México e destacando o difícil caminho que aguarda a seleção brasileira na Copa.

Figura 3: Revista *Manchete* - Edição 927, publicada no dia 24 de janeiro de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Figura 4: Revista *Manchete* - Edição 927, publicada no dia 24 de janeiro de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Figura 5: Revista *Manchete* - Edição 927, publicada no dia 24 de janeiro de 1970.

O sistema de sorteio colocado em prática pela FIFA, no México, surpreendeu. Foi, na verdade, o mais autêntico da história da Copa do Mundo. Ninguém foi protegido, exceto o México (país organizador) e a Inglaterra (campeã), ambos com direitos adquiridos, pelo regulamento. Os demais países compareceram às urnas em igualdade de condições. Só se evitou, por motivos diplomáticos, que Israel ficasse na chave do Marrocos. Uma garotinha de dez anos, Mônica Cañedo, filha do presidente da Federação Mexicana de Futebol, foi quem decidiu a composição dos grupos. Coube a ela retirar as papeletas das urnas. Quase sem saber direito o que é futebol, a pequena Mônica selou a sorte dos países participantes. Para o bem ou para o mal, ela uniu, em Guadalajara, Brasil, Inglaterra, Tchecoslováquia e Romênia.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Figura 6: Revista *Manchete* - Edição 928, publicada no dia 31 de janeiro de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Na edição seguinte existe um artigo curioso de autoria do ex-governador da Guanabara Carlos Lacerda que teve dois momentos apoiando o golpe em seu primeiro momento, e depois indo contra os militares por perceber que desejavam se manter no poder tendo sido preso em 1968, e depois liberado para atuar em seu ofício de jornalista claro com muito cuidado no que iria publicar, a Dissertação escrita por Carlos Lacerda com tom literário (por cobrir cerca de 5 páginas apenas um trecho será mostrado), fazendo um pequeno resumo do que foi a jornada das copas até o primeiro título mundial brasileiro, Lacerda afirma que a conquista acabou ajudando o então presidente Juscelino Kubitschek que teve a oposição diminuída após a concretização do título da Copa do Mundo de 1958. Nesta mesma

dissertação Lacerda traz alguns pontos interessantes sobre o sentimento de patriotismo gerado a partir da Copa de 1958, além de algumas curiosidades sobre a construção do Maracanã, no qual havia uma espécie de pequena prisão dentro do estádio, que segundo ele os presos que lá ficavam ouviam os gritos de euforia da torcida durante os jogos, isso só foi ser consertado com uma reforma que foi organizada por Lacerda onde transformou o “mini presídio” em um hotel para as delegações esportivas.

Figura 7: Revista *Manchete* - Edição 928, publicada no dia 31 de janeiro de 1970.



“Mas Garrincha, com aquele truque das pernas tortas, é imortal. Pobre, a vida não tem sido indulgente e a glória, quem sabe, ingrata e fatalsosa. Eu sei, Mané, conheço a Ingratidão.”

tem, façam o favor de se excetarem. Muito obrigado.) Não sei o que é pior, talvez seja o amadorismo administrativo num negócio profissional. Ainda me lembro do dia em que um então diretor do Flamengo foi me pedir, por ser o governador torcida do Flamengo, um pedaço da praça do Flamengo para fazer uma praça de esportes para os sócios do Flamengo. Meu amigo, aquilo é um parque, não um trocadilho. Posso dar ao meu clube o que pertence à torcida de todos os clubes? O Parque é do povo, como a praça é do orador. Ficou zangado, foi trabalhar contra a gente na eleição. Mas o parque está lá e não é de ninguém, é de todos. Se for contida a tendência ao mafuá e respaldado o tombamento do desenho, o Parque será salvo — e as peladas também. Paguei um preço, como tenho pago sempre na vida, para ter convicções e sustentá-las, para tomar decisões e cumprilas. Mas vale. Garanto que vale a pena. Dá uma alegria íntima, um sentimento secreto de superioridade tranqüila, que não humilha ninguém, não acotoveia ninguém, mas nos justifica, nos tranqüiliza, nos mantém serenos no meio da maior tempestade; e tempestuosos no meio da mais abjeta calmaria.

NA Itália, o armador Achille Lauro, em Nápoles, o Mondadori, em Milão, compram ações dos clubes e, pelo princípio de cada ação um voto, garantem a sua eleição. Fazem um investimento no negócio e administram o clube como negócio. Disso conheço um pouco

desde que fui encarregado de estudar o assunto, num trabalho do velho Observador *Econômico e Financeiro*, que saiu sem assinatura porque era no Estado Novo, tempo em que eu não podia assinar — intitulado *Economia do Esporte*. Depois fiquei sabendo um pouco mais quando apresentei na Câmara um projeto de regulamentação da profissão de atleta e jogador de futebol. Revoltou-me o chamado passe, remanescente da escravidão, o jogador comprado e vendido por dinheiro que ele não via e que ia para o seu senhor. Davam-lhe um mata-bicho — na África inglesa e francesa, portugueses de outros séculos deixaram a palavra *matabicho*, até hoje usada para designar a gorjeta — e o clube embolsava o preço desse escravo. Ah, mas disseram uns cartolas muito simpáticos convocados à Comissão de Legislação Social para expor sua oposição ao projeto, o clube também faz investimentos no jogador, que chega humilde e canhestro da várzea, se transforma em nossas mãos num craque e depois vale o diabo. Não é justo, diziam. Bem, então façam o seguinte: botamos na lei que o clube tem direito a uma percentagem sobre o passe que o jogador receber de outro clube. Afinal o projeto foi boicotado por um distinto deputado — por sinal, socialista, mas muito ligado a clubes noutro estado.

Depois o que fizeram foi alguma coisa, mas foi o inverso do que deve ser. O clube fica com o dinheiro do passe e dá ao jogador, magnanimamente, creio que 15% de gratificação. Tabela-se a gorjeta, empalmou-se o lucro. Bem fizeram o Cané, que visitei em Nápoles, com sua jovem italiana e sua filhinha encantadora, o Cané grisalhão que saiu de Ramos para a montanha napolitana, popular

no bairro — per piacere, dovè habita il Cané? Quello brasiliano? Ebbene, è leggio — o Cané que tem visita ao Brasil, periódica, paga pelo clube e uma linda vista do Parque do Flamengo na parede de casa. E o Amarildo, em Florença, começando a misturar spaghetti com sotaque carioca, outro dia se casou e de Roma lhe mandei o maior telegrama. Amarildo, aquele menino-revelação da outra Copa, da Copa mais feliz que o Brasil já teve, o insolente, o aventureiro Amarildo, endeusado e negado, imprevisto.

Não sei se diga, mas me parece que há muito que fazer até em futebol. O campo do Fluminense — onde vi futebol de luxo pela primeira vez na vida — é hoje um anacronismo e um desperdício enorme. O do Botafogo, outro tanto. Mas compreende-se. O que não se compreende, a não ser como um sinal de insanidade e timidez coletivas é o caso do Flamengo.

COMO até hoje deploro que não se tenha acreditado no esforço que fiz para que o grande estádio do Maracanã fosse feito junto à lagoa de Jacarepaguá. O que sofri com esse estádio é difícil até de contar. Sofri com ele antes dele nascer, sofri depois que ele nasceu. Mantive, contra toda lógica, os preços baixos das entradas. Gastei, do dinheiro público, mais para completá-lo do que ele custou para ser levantado. Limpei-o. Tive lutas humildes, obstinadas, como expulsar de lá, pela ação da Justiça, concessionários que ocupavam os seus porões — onde está a solução de parte do seu problema de estacionamento. Não pude impedir que fosse todo revestido de pastilhas, o que lhe tirou a dignidade arquitetônica e o fez uma espécie de grande banheiro azul. Eslava em andamento esse atentado. Em todo caso, melhor do que ser uma grande lata de lixo. Acabei o serviço. No fim, já dava uma pequena renda mostrá-lo aos turistas em dia que nem jogo tinha. As visitas percorriam as instalações dos jogadores, das quais guardo fotografias como aquelas de remédio para emagrecer: antes e depois. Puxa, que diferença. A turma que trabalhou lá era da pesada. Desde uma firma que recebeu adiantado por obra que não chegou a fazer, até os mistérios de seus lavatórios, nossa gente levantou todos os problemas e resolveu-os. Até uma penitenciária-mirim havia dentro do Estádio, como nos subterrâneos do Circo Máximo. Encontrei presos cumprindo sentença de vários anos de reclusão dentro do Maracanã, ouvindo atrás do muro o urro da multidão, em dia de jogo, em cubículos sinistros que transformamos em hotel para delegações esportivas — estudantes, sempre que possível, mercê da dedicação de gente da melhor que encontrei na Guanabara.

A imaginação é um instrumento de governo. Com ela briguel pela transmissão do futebol na TV, com a fórmula de fazê-lo depois do jogo, pois em vez de prejudicar como a rotina temia, ajuda o futebol criando clientela, mantendo o pósto.

As vezes penso se não será uma solução para os grandes cinemas vazios, vencidos pela concorrência da TV, transformá-los em pequenos estádios fechados, com arquibancadas pagas, para dar impulso ao futebol-de-estádio, modalidade ainda não explorada como diversão e negócio. Com a vulgarização da pilula muita gente já não precisa mais do estádio no

SEGUE

Um dos momentos mais icônicos e lembrados que ocorreu antes da Copa do Mundo, foi o “embate” envolvendo o presidente Médici o jogador conhecido como Dadá Maravilha e o então técnico João Saldanha que alguns o conhecem como “João sem medo”, por motivos que irão ser explicados logo adiante.

Na edição de número 929, João é mostrado pelo jogador em ascensão e um dos destaques da seleção de 1970 Eduardo Gonçalves de Andrade popularmente conhecido como Tostão, como um excepcional técnico que apesar de seu modo irreverente de se portar tinha confiança no professor, e diz sua afirmação sobre o técnico que é trazida como título da matéria “João sabe o que faz”, a revista antes dos problemas que iriam tirar Saldanha do cargo buscou trazer sempre elogios sobre a figura, para o mesmo ter também a aceitação do público.

Figura 8: Revista *Manchete* - Edição 929, publicada no dia 7 de fevereiro de 1970.

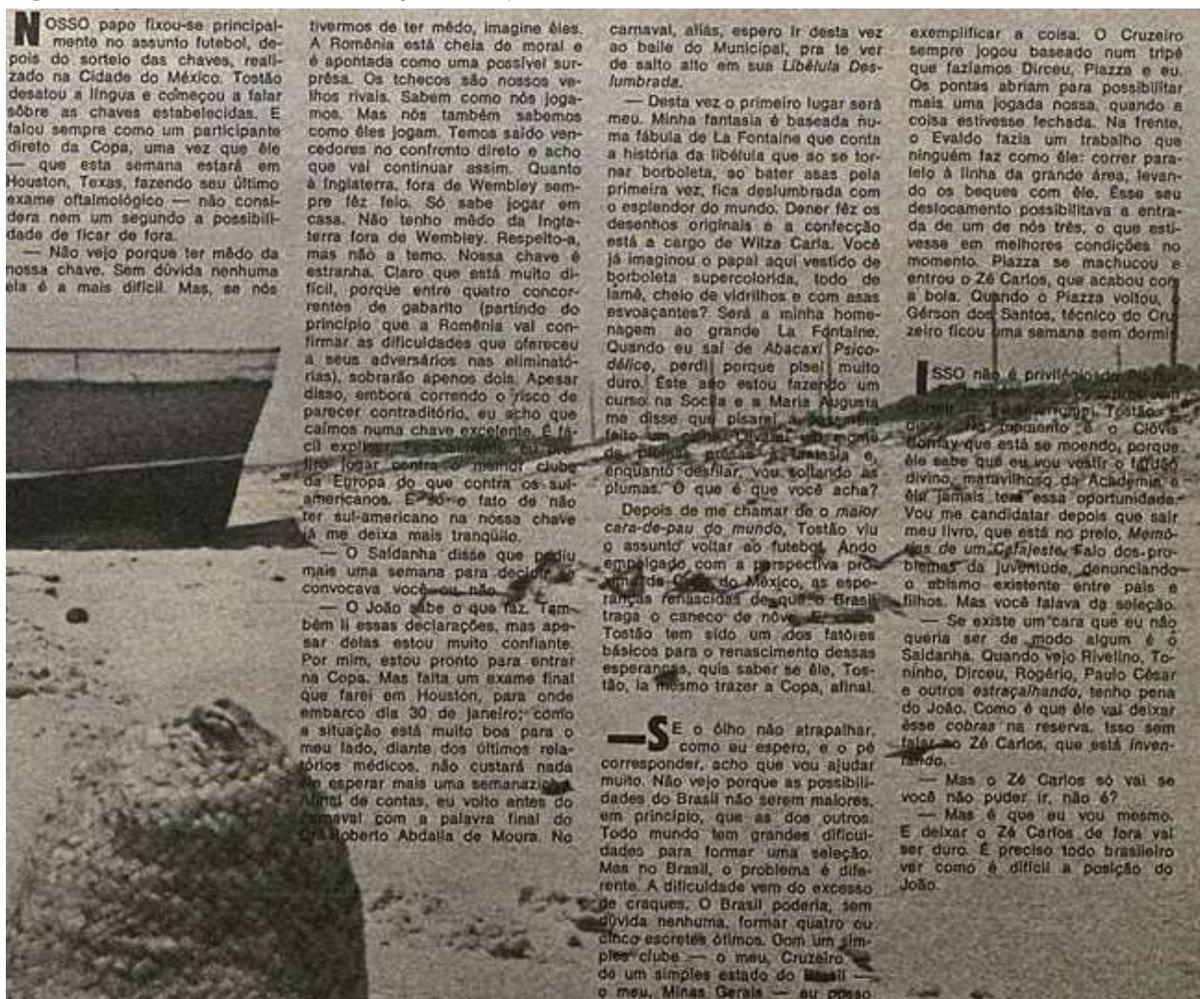


Fonte: Fundação Bibliotecas Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Sobre a polêmica do “João sem medo” o próprio Dario que se chamava também em terceira pessoa assim como Pelé, disse sobre Saldanha não o ter chamado:

Só que o presidente da República era “fanzão do Dadá. Ele pegava o avião de Brasília e ia lá para Belo Horizonte para me ver jogar. E esta não foi diferente. E, quando acabou o jogo, o presidente falou: “Vem cá, por que é que o Dadá não é convocado? Ninguém pega esse homem. Esse cara tem que ir para a seleção.” E falou para o João Saldanha: “João Saldanha, todo mundo quer o Dadá na seleção. Inclusive o presidente.” João Saldanha falou: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção.” Aí, a imprensa, que não gosta de fofoca, voltou no presidente. Aí, o presidente: “Tira ele.”. Aí, foi quando ele saiu e o Zagalo entrou. (Santos, 2011)

Figura 9: Revista *Manchete* - Edição 929, publicada no dia 7 de fevereiro de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Apesar da fala do atleta não foi esse o motivo que tirou o Saldanha do cargo, segundo João Havelange (Em entrevista cedida a Magalhães em 2010) o técnico foi dispensado por seu caráter muito complicado e por resultados ruins nos amistosos. Além de seu temperamento muito difícil Saldanha era conhecido por seus muitos conflitos, Magalhães (2014) destaca a passagem da revista esportiva *Placar* sobre o lado violento do técnico:

De revolver na mão ou com valentia no braço, ele invade a concentração do Flamengo ou bate num repórter. João Alves Jobim Saldanha, o técnico das feras, há 51 anos vem brigando e batendo, xingando, gritando e ameaçando (...) João domador não mudou: assim agia nos tempos de sócio no “Grupo dos Cafajestes”, ou quando era escrevente, ou só jornalista-comentarista-locutor esportivo de rádio, jornal ou televisão. Seus quase vinte processos criminais o incomodam tanto quanto o resultado de um jogo do Bonsucesso. (*Placar*, 1970)

De maneira geral, Zagalo fazia muito mais o perfil do regime, além de ter sido campeão duas vezes como jogador e jogado ao lado de Pelé, Zagalo era o tipo que agradava a ditadura por se manter calado sem questionar, buscando apenas o objetivo da conquista da Copa do Mundo quase como um soldado de fato.

O evento se tornou um projeto criado e trabalhado pela revista, de modo a provocar ansiedade e equitação sobre seu começo, assim, quando de fato começasse o público estaria com vontade de ler os artigos sobre a cobertura da Copa do Mundo.

4.2 A amarelinha entra em campo nas páginas da manchete

Figura 10: Revista *Manchete* - Edição 944, publicada no dia 23 de maio de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Os heróis (para o regime, pois, eram o símbolo de nacionalidade e principal meio de disseminar o consenso de nação em meio a ditadura) do Brasil antes de entrarem em campo, foi criado uma espécie de clima, para o confronto mais esperado do Grupo C composto por: Brasil, Inglaterra, Romênia e Tchecoslováquia. Na edição 944 o iminente conflito entre Brasil X Inglaterra é enfatizado, A revista as vésperas da Copa do Mundo trazem algumas críticas às decisões táticas de Zagallo, além de dedicar uma pequena matéria apenas para criar mais intensidade e emoção ao conflito entre as maiores seleções da época o Brasil Bicampeão em 1958, 1962 contra a Inglaterra uma das favoritas ao título e atual campeã da Copa de 1966. Os dois técnicos se provocam em calorosa discussão presente na matéria “esquentando o clima do conflito”.

Após um começo muito bom com uma goleada de virada por 4x1 em cima da Tchecoslováquia¹⁹ com gols de autoria: Roberto Rivellino, Pelé e Jairzinho (que teve atuação brilhante marcando um gol com direito a chapéu no goleiro, e o segundo com fintas rápidas e chutando rasteiro sem chances de defesa), a seleção brasileira vai para o próximo jogo moral muito alta e aprovação por parte dos brasileiros, que graças ao investimento do governo Médici junto a EMBRATEL puderam transmitir a copa que ocorreu no México nos aparelhos televisivos no Brasil. No período da Copa de 1970, a televisão já estava começando a se efetivar como um dos principais meios de entretenimento e considerada um acessório indispensável principalmente a classe média do país, segundo o censo da época cerca de 25% das casas em áreas urbanas já possuíam um aparelho televisivo (Ribeiro & Sacramento, 2010), isso interessava diretamente o regime como afirma os autores:

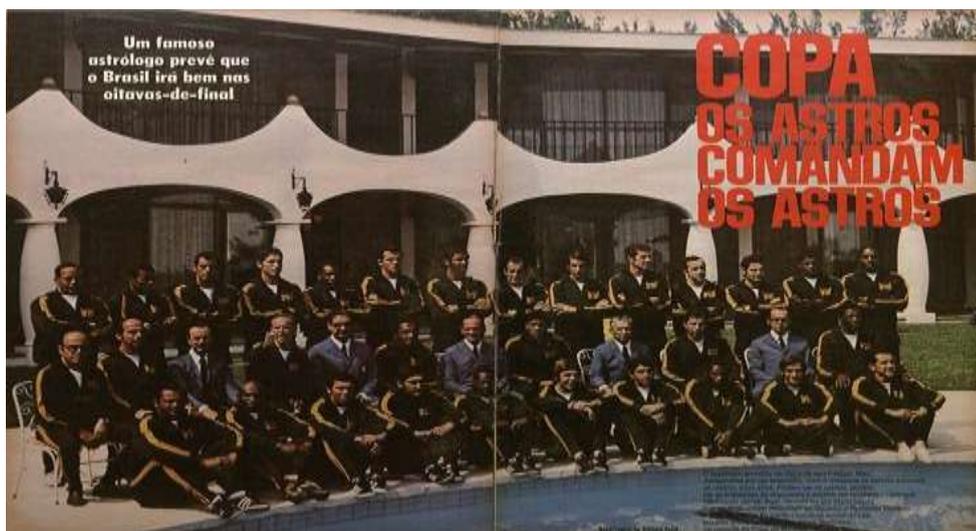
... promover a integração nacional pela comunicação, e a televisão era tida como estratégica neste processo. Em 1965, a Empresa Brasileira de Comunicações (EMBRATEL) foi inaugurada e possibilitou, a partir de 1969, que as emissoras propagassem sua programação por micro-ondas. (Ribeiro, Roxo & Sacramento, 2010, p.113)

Apenas a ponto de informar o leitor sobre as influências e investimentos do regime, além dos meios impressos que são o foco do trabalho, a televisão também teve um papel fundamental junto com a influência da revista *Manchete* e não faria sentido trazer apenas a revista como única influente. O trabalho em conjunto da revista com a televisão aumentou ainda mais o sentimento de patriotismo como foi

¹⁹ Os melhores momentos são possíveis de serem assistidos de maneira gratuita pelo site da FIFA, deixarei todos os links para caso os leitores desejarem ver como foram os gols e lances que culminaram com o tricampeonato mundial brasileiro: <https://www.plus.fifa.com/pt/content/b34dc62d-2d74-4ff0-b4bd-b14de0f3e318> melhores momentos Brasil x Tchecoslováquia, acessado no dia 02/06/2024.

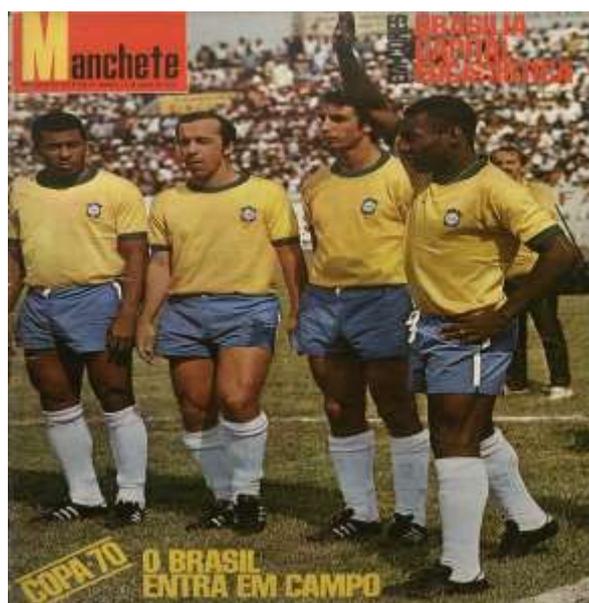
falado por Lacerda, e a revista trouxe uma foto muito icônica do time que viria a ser campeão na edição 946 com a vitória sobre a Tchecoslováquia por 4x1 a Manchete traz a seleção de maneira positiva e ainda uma possível previsão na qual o Brasil conseguiria se classificar para as quartas de final da Copa do Mundo, indo muito bem nas oitavas de final (erro da revista, não teve oitavas nesta edição). Fazendo uma possível relação com os signos dos jogadores, a matéria faz essas “previsões” baseados nas datas dos jogos e os signos de seus jogadores.

Figura 11: Revista *Manchete* - Edição 946, publicada no dia 6 de junho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Figura 12: Revista *Manchete* - Edição 947, publicada no dia 13 de junho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

O periódico da *Manchete* era publicado semanalmente, logo, a próxima edição 947 após os dois últimos jogos do Grupo C que contaram com duas vitórias brasileiras, o jogo contra Inglaterra²⁰ foi vencido por 1x0 com gol de Jairzinho e o jogo contra a Romênia foi vencido por 3x2 com gols de Pelé e Jairzinho²¹. Após passar pela fase de grupo o Brasil se classifica para as quartas de final da Copa do Mundo, ganhando assim mais uma vez destaque e dessa vez garantindo a Capa da edição com as estrelas que foram cruciais para a classificação. Cheia de alguns artigos que fazem alusão a evolução da seleção ao longo dos anos.

Por que a revista transformou seu foco e investiu tanto na imagem da seleção? A hipótese que surge para explicar tal fato advém da conjuntura da *Manchete* com o regime, que tinha nesse momento sua imagem ligada a seleção, e como os jogadores estavam fazendo bons jogos e de fato encantando o povo, usufruir da qualidade das fotos com cores vívidas e chamativas junto de textos que trazem o teor nacionalista a seu máximo, são o combo da estratégia perfeita para construção e manutenção da boa imagem do regime, além de tirar completamente o foco dos eventos que estavam ocorrendo no país, vale lembrar que o período de Médici foi o governo que mais matou e torturou pessoas de toda a ditadura.

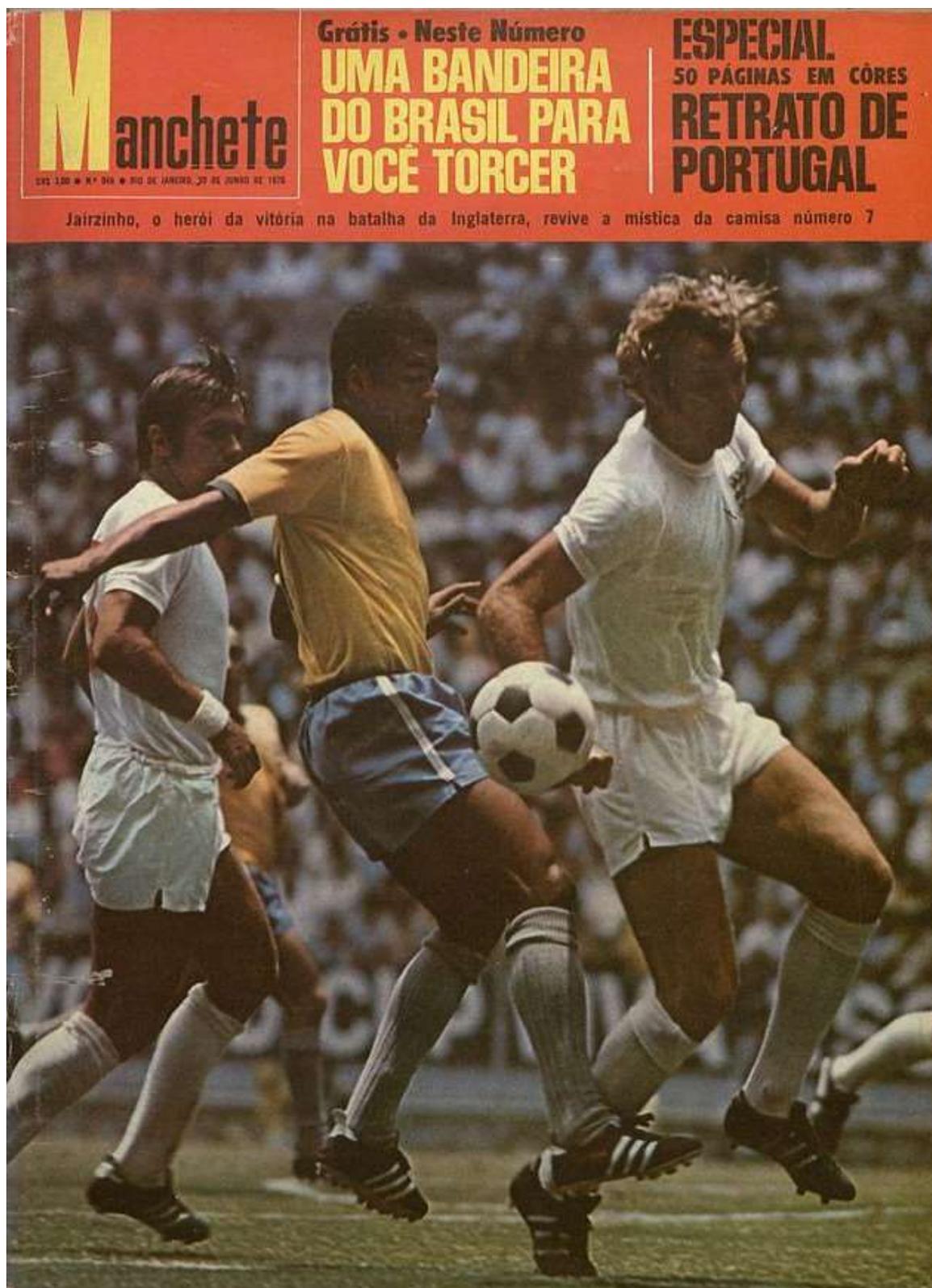
Após a fase de grupos a revista entra em uma espécie de programação do título, onde o direcionamento das matérias assim como suas capas se torna parte de uma matéria que vai culminar na edição 950.

²⁰ Melhores momentos do jogo Brasil x Inglaterra: <https://www.plus.fifa.com/fr/player/57e43f37-787d-4e5e-a5a3-c78933dd3630?catalogId=0bd26d12-cbf7-47bc-8efd-7b87d64ea1f3> acessado no dia 02/06/2024.

²¹ Melhores momentos do jogo Brasil x Romênia: <https://www.plus.fifa.com/pt/content/67160983-1dbf-459d-a68c-1ec049710ff8> acessado no dia 02/06/2024.

4.3 A taça Jules Rimet chega à manchete

Figura 13: Revista *Manchete* - Edição 948, publicada no dia 20 de junho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

A conquista do título se mostrava uma realidade possível, passando pela fase de grupos de maneira impecável ganhando os três jogos, o Brasil chega as quartas de final para enfrentar o Peru²² jogo que terminou 4x2 com a vitória brasileira com os gols de Tostão, Jairzinho e Rivellino. Além de ter atropelado o seu rival latino-americano o Uruguai²³ nas semifinais em uma vitória de virada por 3x1 com os gols de Clodoaldo, Jairzinho e Rivellino.

Apesar das vitórias contra o Peru e contra o rival Uruguai por 3x1, a edição 948, deu total foco a vitória emblemática sobre a Inglaterra, visto que, na edição passada não teve tanta atenção quanto merecia a vitória em cima dos atuais campeões, há quem diga que o título de 1970 foi conquistado naquela mesma partida de placar apertado e resultado garantido no “suor e na raça” brasileiros que junto a sua qualidade única do futebol arte garantiram a vitória.

²² Melhores momentos do jogo Brasil x Peru:
<https://www.plus.fifa.com/pt/content/9b9f72e2-0db6-44c3-a208-04e9c02ab08c> acessado no dia 02/06/2024.

²³ Melhores momentos do jogo Brasil x Uruguai:
<https://www.plus.fifa.com/pt/player/69c62b4e-ecf5-48dd-bd13-b0c493c5fbc6?catalogId=383618bd-17a5-42d3-8d9c-211f8e9636de> acessado no dia 02/06/2024.

Figura 14: Revista *Manchete* - Edição 948, publicada no dia 20 de junho de 1970.



também a coragem de ser humano e de socorrer o adversário caído.

Manchete

A GRANDE COPA DE PELE

PARA todas as pessoas que amam a beleza e a magia de um jogo de futebol, em qualquer parte do mundo, a atração especial desta IX Taça Jules Rimet é a presença e o talento de Pelé — o único jogador brasileiro a disputar ativamente quatro Copas sucessivas. No Brasil, somente o grande Nilton Santos aproxima-se desse recorde, tendo sido convocado para as Copas de 50 até 62, embora sem ter entrado em campo na primeira. O mais importante, no entanto, não é o fato de que esta seja a quarta Copa de Pelé. Outros jogadores de outros países já realizaram essa façanha. O que marca a diferença entre os outros e Pelé é que este não é um veterano em declínio. Na verdade, México-70 é a reafirmação de que Pelé continua sendo o Rei, o astro indestrutível do futebol mundial, o maior jogador de todos os tempos e de todos os lugares. E além disso, é o desportista capaz do gesto humano de socorrer o adversário e sofrer com ele.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Claro que não poderiam faltar os elogios ao “rei” do futebol, que como tinha sua imagem ligada ao regime como garoto propaganda quanto mais sua imagem fosse bem-vista mais o regime também seria bem-visto por tabela. Assim a

Manchete dedicou um artigo exclusivo para enaltecer a figura do Pelé, e como ele era excepcional quando o assunto é futebol e representar o país em Copas do Mundo.

A revista mesmo após o Brasil ter ganho a final contra Itália, decidiu por atrasar a matéria referente ao jogo, desse modo a edição 949 procurou trazer outros aspectos positivos acerca das vitórias da seleção. Nesta edição são exaltados os resultados positivos do Brasil sobre o Peru na sua vitória por 4x2, e sobre a importância dos dois gols marcados por Tostão que garantiram a vitória e classificação da seleção. O que chama atenção é que o Brasil já havia sido campeão desde o dia 21 de junho, porém, a *Manchete* optou por não fazer uma matéria sobre o título de maneira imediata, mas sim dedicando uma edição especial apenas para celebrar o tricampeonato.

Figura 15: Revista *Manchete* - Edição 949, publicada no dia 27 de junho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Buscando um maior número de vendas o atraso proposital da edição em comemoração ao título foi feito com o máximo de fotografias obtidas no torneio.

Figura 16: Revista *Manchete* - Edição 950, publicada no dia 4 de julho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

A conquista veio junto de uma vitória total, o Brasil começou o jogo contra a Itália²⁴ abrindo o placar com um gol de Pelé, porém, após uma falha na defesa brasileira a Itália empatou o jogo com um gol de Boninsegna, terminando o primeiro tempo no empate. A seleção composta por craques considerada por muitos um dos melhores elencos de todos os tempos²⁵, não iria ficar satisfeita com um placar tão

²⁴ Melhores momentos Brasil x Itália:

<https://www.plus.fifa.com/pt/player/02cd446a-eb5a-41e0-8e48-0321186fca30?catalogId=9e56b3fa-0c91-4f1f-a0d7-f2764b5fab02> acessado no dia 02/06/2024.

²⁵ Apesar de diversas opiniões, o elenco considerado o melhor de todos os tempos se tratando de Brasil foi o da Copa do Mundo de 1982, além da alta qualidade técnica de craques como: Zico, Sócrates, Branco etc., essa seleção mudou a maneira como se entendia e jogava futebol, a

abaixo do esperado (ainda mais com toda a pressão posta também pelos militares que compuseram a comissão técnica), assim durante o segundo tempo com uma bonita jogada de Gérson o Brasil balança as redes mais uma vez fazendo 2x1, resultado que viria apenas a aumentar com Jairzinho ampliando o placar após cobrança de falta e assistência de cabeça de Pelé, antes do juiz apitar e declarar o Brasil campeão o capitão da seleção Carlos Alberto viria a deixar seu único gol na competição assim como o último balançar das redes da Copa do Mundo de 1970, Pelé recebe a bola de frente para o gol e aguarda a passada de Carlos que enche o pé e consagra de vez o Brasil tricampeão do mundo.

A edição 950, veio como uma edição especial com 60 páginas dedicadas a conquista do tricampeonato, com artigos e fotografias que enaltecem a importância da conquista da Copa do Mundo de 1970, e como isso mostra os caminhos positivos que o Brasil está andando, e um possível vislumbre de um “Grande futuro à frente”.

Figura 17: Revista *Manchete* - Edição 950, publicada no dia 4 de julho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

partir dela o futebol contemporâneo foi moldado, com passes rápidos e mudanças de posições a todo momento confundindo o esquema defensivo e abrindo brechas para a infiltração dos atacantes. Outro fato interessante, é que diferente da seleção de 1970, os jogadores que compunham o time de 1982 eram muito mais ativos politicamente, não sendo apenas figuras de certo modo neutras ou a favor do regime, principalmente o jogador Sócrates que em muitos jogos utilizava uma faixa na cabeça com frases de protesto, mesmo que a FIFA não permitisse tal costume, em uma de suas emblemáticas ações durante a copa de 1986 após o fim da ditadura, ele utilizou uma faixa branca escrito: “Mexico sigue em pie”, em apoio ao país que mesmo após passar por um terremoto recentemente 1 anos antes da copa se reestruturou e sediou mais uma vez um dos maiores eventos esportivos do mundo.

Ainda nesta mesma edição não poderia faltar mais elogios a figura do Pelé, que sendo sagrado o maior atleta de todos os tempos, conquistando de vez sem questionamentos o título de “rei do futebol”, é considerado um dos maiores brasileiros e o brasileiro mais conhecido do mundo, com sua imagem ligada ao regime os enfoques e elogios a sua imagem são de maneira indireta também ao regime.

Figura 18: Revista *Manchete* - Edição 950, publicada no dia 4 de julho de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

Pelé sempre trabalhou para construir sua imagem assim como sua carreira desde a época em que se vivia uma democracia no país onde conquistou seus dois primeiros títulos mundiais, e após o golpe militar onde manteve em muitos momentos uma postura de neutralidade, trazendo muito o ar de inocência e pureza mesmo durante os competitivos jogos da Copa de 70 em vários momentos Pelé se comporta de modo solícito sempre preferindo a maioria das vezes dar os passes para o gol de seus companheiros do que de fato finalizar e fazer o gol ele mesmo, fato esse que é ressaltado na edição 950 sendo exaltado por sua personalidade pura que refletia dentro de seu estilo de jogo, no qual, buscava sempre com passes precisos seus companheiros bem posicionados para fazerem os gols, como a revista coloca uma figura que todos sonham em ser, Pelé o jogador “perfeito”.

Além de seu estilo de jogo sua presença dentro de campo também era trabalhada mesmo que ele não estivesse com a bola, em muitos lances durante a copa de 1970 Pelé é focado pelas câmeras que transmitem a Copa ao redor do mundo levantando adversários caídos, como no caso do jogo contra a Inglaterra onde ele se demonstra uma figura solícita e após um choque envolvendo ele e o jogador inglês, ele em vez de correr para voltar ao jogo procura ver se o adversário está bem e o ajuda a levantar, tudo isso visando a trabalhar a sua própria imagem, quando questionado sobre sua participação na copa de 1974 Pelé afirmou que não iria pois estava cansado de ser usado pela ditadura, fato este que é desmentido pelo jornalista Juca Kfoury em entrevista concedida a pesquisadora Lívia Gonçalves Magalhães em 2011 (Magalhães, 2014), Kfoury afirma que Pelé decidiu não ir por questões financeiras.

Toda a relação da figura do Pelé com o regime militar, acaba justificando o porquê de a revista *Manchete* dedicar tantas páginas e capas de revistas ao “rei do futebol”, que apesar de sempre manter essa postura de uma pessoa calma e pura, nunca falou ou expressou comentários críticos acerca de ninguém, nem mesmo quando João Saldanha alegou que ele não tinha condições físicas de participar de mais uma Copa do Mundo.

Totalmente oposto a Pelé seu companheiro Gérson reconheceu que tinha conhecimento da realidade que o país vivia:

Em 1970 tinha o problema da ditadura, e teve, nós sabíamos o que estava acontecendo aqui, mas ninguém apertou, ninguém foi pé firme lá com a gente, trombada, nós éramos... Nós tínhamos uma seleção, nós tínhamos que treinar, jogar, com todas as garantias, com tudo, sem problema nenhum, não tivemos problema nenhum em termos de esporte, naturalmente, sabíamos o que estava acontecendo, aí você pergunta, mas por que vocês não largam tudo? Nós não largamos tudo porque nós estávamos representando o país numa competição que exigia isso. Se não fosse para uma Copa do Mundo talvez largássemos, talvez não estivéssemos ali, mas fomos cumprir a nossa obrigação, fomos lá, ganhamos e acabou o problema. Nós não tivemos problema nenhum em matéria dessas pressões, essas coisas todas, não tivemos problema nenhum, tivemos todas as garantias, sabíamos o que estava acontecendo, éramos contra uma série de coisas, né? Mas nós estávamos dentro do contexto, nós tínhamos que fazer nossa parte, a parte de esporte, era isso. (Nunes, 2001)

Segundo a memória de Gérson os jogadores tinham conhecimento de tudo que estava ocorrendo no Brasil, mas procuraram seguir suas rotinas na “normalidade” como uma boa parte dos brasileiros o também fizeram, além das notícias da imprensa trazerem falsos tons de progresso, como o fez por muito tempo a revista *Manchete*, jogando o jogo político do regime e apoiando da maneira que fosse possível para ofuscar os acontecimentos nacionais entupindo o periódico de notícias estrangeiras, e trazendo apenas algumas poucas reportagens sobre o território nacional que quando publicadas mostram o regime militar como a chave para o Brasil continuar “progredindo”.

5 CONCLUSÃO

O esporte em sua totalidade já demonstra os potenciais de injetar símbolos, ou mesmo ideologias nacionalistas em seus atletas que representam seus países nas diferentes competições. O futebol por ter ganhado muito destaque ao longo dos anos, tem uma maior efetividade no alcance das pessoas que irão consumir os ideais postos dentro do contexto das Copas do Mundo, por meio dos discursos que são ditos durante a competição que ocorreu nos anos 1970 assim como a conhecida marchinha tema da seleção brasileira durante a Copa “Pra frente Brasil!”, composta por Miguel Gustavo, que além de compositor ele também atuava como jornalista o que remete mais uma vez o fato do regime fazer uso de pessoas como no caso do autor que apoiavam o governo por intermédio dos meios de comunicação, a música foi escolhida por vencer um concurso organizado pelos patrocinadores dos jogos e logo se tornou uma música chiclete.

A problemática da imprensa como uma ferramenta de disseminação ideológica do estado, se faz presente durante as publicações da revista *Manchete* de maneira que as notícias que eram voltadas para o âmbito nacional sempre remetiam o lado “bom” do governo, ignorando todas as violências que eram cometidas contra a população, na qual uma parcela da população tinha noção da realidade que estava o Brasil e mesmo assim não tinha atitudes contrárias devido ao medo gerado principalmente pelo AI-5, impedindo o povo de expressar suas insatisfações, mesmo pessoas influentes que chegaram a apoiar o golpe foram presas, tudo isso gera um clima de tensão e descontentamento sobre o governo.

A Copa do Mundo surge como uma oportunidade única para mostrar a “força” da nação, nesse contexto as publicações destacadas durante o trabalho têm três papéis fundamentais.

O primeiro objetivo da *Manchete* é trazer o foco dos consumidores para a seleção, isso fica claro quando escolhem o Pelé como capa da primeira edição do ano com o enfoque na festa realizada no final de 1969 no dia 19 de novembro, a comemoração dos mil gols do jogador deixa algumas questões, pois, o que deixa a entender é que ele como principal representante do regime devido a sua influência tem em seus mil gols a marca da ditadura, a escolha da capa é quase como o próprio governo comemorando o sucesso de sua representação o brasileiro que naquele momento era bicampeão mundial. Com o foco voltado para o grupo que iria

representar o país na competição, a revista começa a trazer o discurso dos “heróis” e sobre como os jogadores estavam indo bem, o que também valia para o técnico que a priori era João Saldanha, o dirigente tático do Brasil vivia um de seus momentos polêmicos brigas com pessoas ligadas a clubes brasileiros, e sua personalidade intensa que arrumou desavenças até com o presidente Médici. Foi falado de maneira breve sobre como a revista usou de escritas mais brandas ligadas aos convocados sobre Saldanha para trazer mais aceitação de sua imagem, além de trazer alguns pequeno artigo que mostravam o lado oculto do escritor João Saldanha, de maneira geral o primeiro momento da revista foi pensado em mostrar como a seleção vinha forte para competição e como seus jogadores eram pessoas simples e puras, geralmente sendo registrados em seus momentos de lazer.

Figura 19: Revista *Manchete* - Edição 924, publicada no dia 3 de janeiro de 1970.



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional – Revista *Manchete* (1970).

O segundo objetivo é manter a atenção que foi conquistada e atrair mais consumidores, para tanto os usos de fotografias do grupo buscando a ideia de comunidade nacional toda a comissão técnica abraçada depois da vitória por 4x1,

retratada na revista de modo a procurar cativar o leitor sobre o seu país, por esse motivo que, Lacerda na dissertação citada na página 46 afirma que durante a Copa do Mundo o governo tem a opção de usá-la a seu favor associando a vitória da equipe ao governo. A Manchete cumpre esse papel durante o seu segundo objetivo, as imagens e fotografias utilizadas remetem ao lado guerreiro e triunfante da equipe, além de contribuírem para a perpetuação da cultura política do regime, junto com o período que vivia o país sobre as bonanças do “milagre econômico”.

O terceiro e último objetivo da Manchete referente a Copa do Mundo e os representantes brasileiros, é de consagrar a grande conquista da taça Jules Rimet. Depois de toda influência que sofreu a população por meio dos comentários que circulavam nas ruas, a televisão que teve um investimento pesado do governo para chegar durante a Copa a casa de 25% dos brasileiros, e todo o uso propagandístico que Manchete fez antes e ao longo da competição, qualquer um que se encontrasse dentro desse contexto iria vibrar ao som de “Pra frente Brasil!” vendo Carlos Alberto levantar a taça. Com a consagração da conquista, a revista tira proveito para abusar de adjetivos como “perfeito”, “magnífico”, ao se referir ao “rei” do futebol e a própria seleção brasileira, melhorando neste a imagem do regime.

O futebol não se limita apenas a usos propagandísticos, sua origem no Brasil se deu de maneira tal que as pessoas que foram entrando nesse universo futebolístico acabam aderindo a ideais que são construídos dentro dos próprios clubes, apesar da ideia de cultura política de Berstein ampliar muito o campo podendo surgir uma imensidão de culturas políticas os clubes caminham nesse horizonte, fato é, os torcedores do internacional tem em sua maioria pessoas com ideais de direita, enquanto no Corinthians a torcida se direciona em sua maioria para pensamentos esquerdistas, logo, o clube desde sua origem e desenvolvimento afeta em alguma parcela a formação cultural política das pessoas ao seu redor. Com isso a Manchete usou esse fato para poder por um curto prazo mudar os pensamentos da população sobre o regime, por um tempo pequeno porque esse processo demanda tempo, a grande maioria dos clubes mais influentes do Brasil tem mais de 100 anos de história.

A principal problemática é nesse uso proposital da revista Manchete do futebol e da Copa do Mundo como forma de legitimar e apoiar uma ditadura, por meios de discursos e fotos que trazem o ar de tranquilidade, alegria, e conquista junto a seleção campeã de 1970. Comprovado quando Pelé em entrevista citada

durante o trabalho afirma estar cansado de ser utilizado pelo regime, mesmo que o real motivo não fosse esse. O grupo também tinha conhecimento dessa outra conquista que o regime estava buscando, e mesmo assim boa parte não demonstrou repúdio ou qualquer ação e pensamento contrário, seguindo ao longo de toda a preparação e durante a competição obedecendo semelhante a soldados em seu sentido literal, não demonstrando palavras e comportamentos negativos durante as partidas.

Com esse trabalho temos em mente, esclarecer que o futebol é muito maior do que apenas um esporte qualquer com usos propagandísticos, e que a história do esporte é um campo muito rico e deve ser mais explorado pelos historiadores, afinal, toda conjuntura que envolve o meio esportivo se liga diretamente com o governo e com a sociedade, milhares de pessoas acompanham seus respectivos clubes, e seleções nacionais, o discurso nacionalista ligado a elas ainda persiste na contemporaneidade e se usado como foi nos anos 1970, pode ser uma arma política perigosa.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- BARROS, Edgard Luiz de. **Os Governos Militares**: O Brasil de 1964 a 1985 os generais e a sociedade a luta pela Democracia. 4 Ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- BERSTEIN, Serge. “A cultura Política”. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François. (orgs.) **Para uma história Cultural**. Lisboa, Estampa, 1998.
- BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília e outros. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- BLOCH, Adolpho. **O Pilão**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp. Acesso em: 14 abr. 2024, 1994.
- CORDEIRO, Janaína Martins. “**Anos de chumbo ou anos de ouro**: A memória social sobre o governo Médici”. Estudos Históricos. V.22, n43. Rio de Janeiro, janeiro-junho, 2009.
- FICO, Carlos. **A ditadura documentada**. Acervo. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 67-78, jul./dez. 2008.
- FICO, Carlos. Ditadura militar brasileira: aproximações teóricas e historiográficas. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n.20, p. 05-74. jan./abr. 2017.
- FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo** – ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.
- FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **BNDIGITAL**: Revista Manchete. Rio de Janeiro, 08 fev. 2025.
- FRANCO, Júnior Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GRIJÓ, Luiz Alberto. **A mídia brasileira no século XXI**: desafios da pesquisa histórica. História do tempo presente. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 279-298, 2014.

HAVEMANN, Nils. O futebol sob o signo da suástica. In: VIZ QUADRAT, Samantha; ROLLEMBERG, Denise. **A construção social dos regimes autoritários**: legitimidade, consenso, e consentimento no século XX – Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 243-256.

LUCAI, C G; JARA, B Q. **A discreción**. Santiago de Chile: Editorial Forja, 2010.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e Propaganda Política**: A revista Manchete durante o governo Médici. São Paulo, 1999. Dissertação – Universidade Federal de São Carlos – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

MATTOS, Marcelo Badaró. As bases teóricas do revisionismo: o culturalismo e a historiografia brasileira contemporânea. In: MELO, Demian Bezerra de (Org.) **A miséria da historiografia**: uma crítica ao revisionismo contemporâneo. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

NASCIMENTO, Greyce Falção. **A Imprensa a serviço do golpe**. A repercussão do AI-5 nas páginas da revista Manchete. Recife: Faculdade Maurício de Nassau. 2015.

NETO, Marco. **Os “Donos” da bola? Um debate historiográfico sobre futebol, política e sociedade na ditadura militar**. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB. João Pessoa, v. 17, n. 1, 1177-1186, 2016.

NUNES, Gérson. Depoimento, 2011, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2011. ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (Org.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Dario José. **Depoimento**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Histoire des droites. In: Vingtième Siècle. **Revue d'histoire**, n°39, jul-set, França, 1993.

TOLEDO, Caio N. de. **1964**: golpismo e democracia. As falácias do revisionismo. Crítica Marxista. Campinas, n. 19, p. 27-48, 2004.

URETA, Germán Becker. **De memoria**. Biblioteca Virtual: Universal, 2003.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley. **Esporte, poder e relações internacionais**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.